

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Carolina Gerlach Llanes

*Borderlands/ La Frontera: uma análise da escrita da história através do pensamento feminista
decolonial de Gloria Anzaldúa*

Porto Alegre

2022

Carolina Gerlach Llanes

Borderlands/ La Frontera: uma análise da escrita da história através do pensamento feminista decolonial de Gloria Anzaldúa

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Oliveira da Silva.

Porto Alegre

2022

Carolina Gerlach Llanes

Borderlands/ La Frontera: uma análise da escrita da história através do pensamento feminista
decolonial de Gloria Anzaldúa

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Oliveira da
Silva.

Aprovado em

Professora Dr^a Fernanda Oliveira da Silva (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora Dr^a Dóris Bittencourt Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora Dr^a Natalia Pietra Méndez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Porto Alegre

2022

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, meu pai, Javier, e minha mãe, Verônica, que sempre me incentivaram a ir cada vez mais longe. Em especial nesta reta final do curso, feita de maneira remota. Por todo apoio e leitura atenciosa deste trabalho.

A minha irmã pela companhia e momentos de desabafo no T11 lotado às 7h da manhã, a caminho do trabalho.

Ao meu excelentíssimo companheiro, que ajudou a transformar o processo de escrita em momentos mais toleráveis, pelo apoio e compreensão.

A minha família, independente de qual lado da fronteira.

A minha amiga e eterna dupla de faculdade, Giovanna, com quem lancei a modalidade de graduação em dupla.

A minha avuela, Irene, que apesar da distância física sempre está perto, e que, mesmo sem ter tido a possibilidade de terminar os anos iniciais da Educação Básica, sempre me motivou a continuar estudando, sem importar a idade.

Ao PEAC, espaço no qual a utopia encontra a realidade, e a educação encontra a luta. Local que vem me ensinando, desde 2020, a ser professora e criar salas de aula independentemente de onde estejamos.

Aos meus amigos, que sempre me incentivaram a seguir a docência, apesar dos pesares, e por compreenderem minha ausência nos últimos meses. Muito obrigada, vocês são e foram fundamentais nessa infinita highway!

A minha orientadora de iniciação científica, Dóris Almeida, que entre 2019 e 2021 me acolheu e me apresentou outras possibilidades de se fazer História a partir da História da Educação.

A minha orientadora, Fernanda, que além de excelente professora, me instigou a seguir minhas inquietações.

Meu agradecimento a todos que me auxiliaram de alguma forma, fosse com um café ou conversas sobre história em si, foram super importantes nessa trajetória, que só está iniciando!

Às contribuições da professora Natalia na banca, foram muito pertinentes e com ótimas sugestões para seguir a pesquisa. Muito obrigada!

Resumo

Esta monografia tem por objetivo investigar as possibilidades de escrita da história a partir da auto-história teoria e do pensamento feminista decolonial, com ênfase para as figuras femininas, ligadas ao colonialismo, na obra *Borderlands/ La Frontera*, de Gloria Anzaldúa. Para isso, busquei evidenciar a ancestralidade presente na construção das figuras da Virgem de Guadalupe, *La Llorona* e Malinche, e como entende-las a partir de outra perspectiva pode contribuir para a escrita da história. Sendo assim, a obra *Borderlands/ La Frontera* é entendida como uma importante fonte historiográfica, na qual são apresentadas outras formas de pensar, não somente as personalidades femininas, mas todos aqueles sujeitos de fronteira, a partir de epistemologias de fronteira.

Palavras-chave: Gloria Anzaldúa; Feminismo decolonial; Escrita da história; Fronteira

Abstract

This monograph has as goal investigate the possibilities of history writing from the self-history theory and decolonial feminist thought, with emphasis on the female figures, linked to colonialism, in *Borderlands/ La Frontera*, by Gloria Anzaldúa. For this, I tried to show the ancestry of these female figures, Our Lady of Guadalupe, La Llorona and Malinche, and understand them from another perspective can contribute to history writing studies. Therefore, the book *Borderlands/ La Frontera* is understood as an important historiographical source, in which other ways of thinking are presented, not only the female figures, but all those border persons, based on border epistemologies.

Keywords: Gloria Anzaldúa; Decolonial feminism; History writing; Borderland

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Capítulo I - Como domar uma língua selvagem: as contribuições de Gloria Anzaldúa para a escrita da história.....	13
3. Capítulo II - Atravessando fronteiras: as ferramentas de análise da <i>New Mestiza</i> a partir de <i>La Frontera</i>	27
4. Capítulo III - <i>Entrando na serpente</i> : as disputas de narrativa sobre uma memória feminina na escrita da história.....	40
5. <i>Una lucha de fronteras</i> : Considerações finais.....	53
6. Referências bibliográficas.....	57

1. Introdução – Atravessando fronteiras: a história desde as fronteiras

This land was Mexican once
was Indian Always
and is.
And will be again¹

Dou início a este texto com esta passagem de Gloria Anzaldúa, que apesar de escrita há mais de três décadas, segue tão atual quanto quando foi escrita. Este trabalho se propõe a discutir o livro *Borderlands/ La Frontera*, de autoria da intelectual *chicana*, enquanto uma fonte historiográfica. Mas antes de entrar no tema e nos objetivos, propriamente ditos, gostaria de explicar como cheguei até eles e como foi o processo de escrita, em contexto pandêmico.

Desde antes do ingresso no curso de História, sempre tive muito interesse em História da América Espanhola, possivelmente em função dos diálogos com meu pai e minha família paterna, de origem uruguaia. A história da região platina sempre foi algo do meu interesse, mas ao iniciar o curso, acabei encantando-me pela História do México, em particular. Nesse sentido, me interessava muito entender como a Virgem de Guadalupe havia sido utilizada durante o processo de formação dos Estados Nacionais, no século XIX, na construção do México independente. Entretanto, em uma aula da disciplina “História da Cultura Latino-Americana I”, ministrada pelo professor César Guazzelli, realizada no segundo semestre de 2020, o professor mostrou a imagem *La Virgen de Guadalupe defendiendo los derechos de Xicanos*, de autoria da artista plástica *chicana*, Ester Hernandez. A imagem representa a Virgem de Guadalupe protegendo os mexicanos que vivem nos Estados Unidos, e como a santa ganhou novas representações feitas pelo Movimento Chicano, principalmente a partir da década de 1970.

A partir daí, iniciei meu projeto de pesquisa, depois de tantas reviravoltas temáticas que não cabem neste texto, sobre o Movimento Chicano e as reapropriações da imagem da Virgem de Guadalupe. Enquanto buscava bibliografia sobre o tema, me deparei com Gloria Anzaldúa, e pode-se dizer que foi um encantamento “a primeira lida”. A ponto de, em uma das tantas reviravoltas temáticas, colocar Gloria Anzaldúa e seu livro *Borderlands/ La Frontera*² como a

¹ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 91.

² As produções da autora referidas nessa introdução serão apresentadas de forma contextual ao longo do trabalho.

parte central, não só do projeto de pesquisa, mas deste trabalho. Fui conhecendo suas produções e me aproximando dos conceitos com os quais ela operava. A escrita de Gloria Anzaldúa me tocou profundamente, e à medida que fui lendo os textos que encontrava online, cada vez mais me inquietava saber o motivo de haver poucas traduções e poucos livros físicos de sua autoria a venda.

À medida que fui construindo este trabalho, fui me apropriando de alguns conceitos e propostas de Anzaldúa. Para ela, a escrita é um ato de rebeldia, como definido em seu texto, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo*. Portanto, seguindo a rebeldia desta mulher que tanto me inspira, optei por transformar este trabalho também em um ato de rebeldia, dentro do possível. Mesmo que ele ainda tenha passado por um processo de ajuste para os moldes da academia, escrever sobre uma mulher intelectual rebelde em um trabalho acadêmico, foi um desafio.

Para isso, utilizei de algumas possibilidades viáveis dentro do meio acadêmico. No decorrer deste trabalho, utilizei notas de rodapé para evidenciar quem está escrevendo, apresentando o nome completo. De modo que fique mais fácil para os leitores e leitoras identificarem quem são os autores e autoras que eu escolhi dialogar neste trabalho. Assim, além de dar ênfase à pessoa que está escrevendo, o mesmo ocorre com o próprio texto que foi escrito. Dessa forma, é possível não apenas dar um foco maior aos autores, mas também aos seus trabalhos. Em relação a política de citação enquanto uma ferramenta na escrita, agradeço a minha orientadora, Fernanda Oliveira por apresentar esta possibilidade. As notas de rodapé deste trabalho reivindicam uma outra produção acadêmica, uma produção que permita evidenciar quem está escrevendo. E isso se faz de extrema importância neste trabalho, afinal a maioria dos textos que li, são de autoria feminina.

Por este ser um trabalho escrito na Língua Portuguesa, traduzi as citações que estavam em outros idiomas no corpo do texto, e coloquei os originais nas notas de rodapé. Fiz este movimento visando romper, mesmo que ainda pouco, com o silêncio da tradução acerca da produção de Anzaldúa no português.

Antes de introduzir o trabalho em si, gostaria de fazer alguns apontamentos a respeito do processo de escrita deste trabalho. Escrevi este trabalho ainda em contexto pandêmico, a biblioteca da universidade abriu recentemente, quando já havia iniciado o processo de escrita. Existem apenas dois livros de Anzaldúa nas bibliotecas da Universidade, que são justamente dois exemplares de *Borderlands/ La Frontera*, um na Biblioteca de Ciências Sociais e

Humanidades e outro na Biblioteca do Instituto de Psicologia. Portanto, a maioria das fontes e bibliografia deste trabalho são materiais que pude encontrar *online*. Nesse sentido, busquei *podcasts* de programas de pós-graduação, *lives* e debates que ocorreram de maneira remota, nos últimos dois anos. Acredito que as fontes *online* vão se fazer cada vez mais presentes em trabalhos acadêmicos, e isso se dá em função do próprio espaço que a história pública vem ganhando no cotidiano, em função das demandas por história e memória de grupos sociais.

Mas dando início às considerações iniciais em si, meu objetivo neste trabalho foi compreender como as figuras femininas, ligadas ao colonialismo, que aparecem em *Borderlands/ La Frontera*, podem contribuir para uma reflexão na escrita da história, a partir do conceito de auto-história teoria. Este conceito envolve escrever a partir da experiência, coletiva ou individual, de cada um. Portanto, acredito que este possa ser um conceito fundamental para os estudos da historiografia e da escrita da história.

A fonte principal deste trabalho é o livro *Borderlands/ La Frontera*, publicado pela primeira vez em 1987, e a primeira obra solo de sucesso de Anzaldúa. A obra é fragmentada e multidisciplinar, abordando diversos assuntos em torno de um foco principal: a fronteira, como o próprio título sugere. De acordo com Lara Palmeira, a fronteira é tida como uma nova chave analítica para compreender o próprio ser humano³. Portanto, a principal categoria de análise, apresentada por Anzaldúa, é a própria fronteira. Este é um livro escrito sobre e desde a fronteira, buscando mostrar como a fronteira também é um espaço no qual se produzem culturas, sociabilidades e conhecimento. Cabe destacar que não é qualquer fronteira, mas uma das fronteiras mais marcadas pela colonialidade e suas sequelas: a fronteira entre os Estados Unidos e o México. Como Anzaldúa escreve, é uma ferida aberta, um espaço onde o *Terceiro Mundo se encontra com o Primeiro e sangra*. Mas no decorrer do trabalho, apresentarei melhor a fronteira.

A obra de Anzaldúa, num geral, sofre com o silêncio da tradução, não somente para o português, mas também para o espanhol. Não há nenhuma obra traduzida sua na íntegra para o português, apenas alguns capítulos esparsos em algumas revistas acadêmicas. Apesar de haver uma demanda por uma tradução para o português, principalmente entre pesquisadores da área da Linguística, não tenho ciência acerca de qualquer previsão de tradução de suas obras para o português. Em relação ao espanhol, apenas a quarta edição de *Borderlands/ La Frontera*,

³ PALMEIRA, Lara. Gloria Anzaldúa, uma *chicana* entre-fronteiras. *Equatorial*, Natal (RN), v. 7, n. 12, jan./jun. 2020.

publicada em 2012, em razão dos vinte e cinco anos da primeira edição do livro, lançado em 1987, foi traduzida.

Cabe destacar que o livro é escrito, principalmente, em inglês. Anzaldúa reivindica o inglês como um idioma que é seu também. Mas possui passagens escritas em espanhol, náuatle e *texmex*, este último apresentado como um idioma de fronteira. O texto é híbrido também nos gêneros textuais, ora em prosa, ora em poesia. Portanto, *Borderlands/ La Frontera* é um livro que é feito sobre a ótica da fronteira. Nos agradecimentos iniciais do livro, Anzaldúa dedica-o a todos os mexicanos, localizados em ambos os lados da fronteira.

Tratei de escrever este trabalho de conclusão de curso sobre *Borderlands/ La Frontera*, mas em parceria com Gloria Anzaldúa. Para isso, os títulos dos três capítulos teóricos que escrevi são inspirados em nomes de capítulos ou subcapítulos presentes em *Borderlands/ La Frontera*. Esta foi uma das maneiras que encontrei de inseri-la mais no texto e no processo de escrita do trabalho, de escrever junto com ela, dentro do possível.

Para esquematizar o trabalho, dividi o trabalho em três capítulos teóricos, além das considerações iniciais e as considerações finais. O primeiro capítulo teórico é intitulado *Como domar uma língua selvagem: as contribuições de Gloria Anzaldúa para a escrita da história*, neste capítulo busquei apresentar quem foi Gloria Anzaldúa e as suas principais contribuições para a escrita da história, mesmo que ela não produza seus trabalhos a partir de uma perspectiva historiográfica. O primeiro capítulo abordou a trajetória, de vida e acadêmica, de Gloria Anzaldúa. Também são apresentadas suas principais obras, com ênfase em *Borderlands*, sua militância e trajetória, trazendo aspectos de sua etnia e sexualidade, que permeiam tanto a sua militância, como a sua produção. Aqui também são abordadas as contribuições de Anzaldúa para o pensamento feminista decolonial e as contribuições deste para a escrita da história, apresentarei um dos possíveis diálogos com as produções que estavam ocorrendo no Brasil, a partir de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Busquei apresentar os locais dos quais ela escreveu e os espaços que ela ocupou, que são de extrema importância para melhor compreender a sua produção.

O segundo capítulo, intitulado *Atravessando fronteiras: as ferramentas de análise da New Mestiza a partir de La Frontera*, é dedicado a debater *Borderlands/ La Frontera* como uma importante fonte historiográfica. Neste momento, procuro explorar a sua escrita única, que mescla poesia e narrativa, espanhol e inglês, *texmex*, entre tantas características que tornam a obra única. Neste capítulo também serão exploradas as categorias de análise que Anzaldúa nos

apresenta na obra, sempre apontando para a historicidade e memória presentes em seu livro. Aqui também apresento a possibilidade de escrita da história a partir das epistemologias de fronteira, conceito proposto por Walter Mignolo, além de uma discussão sobre a autobiografia, a partir de Verena Alberti e Benito Schmidt, em diálogo com o conceito de auto-história teoria, de Anzaldúa, como possibilidades de ampliar o debate historiográfico, visando introduzir a experiência daqueles sujeitos subalternos na historiografia. Os debates teóricos entre história e memória serão apresentados neste capítulo, mas permeiam o terceiro capítulo também.

E por fim, o terceiro capítulo é intitulado *Entrando na serpente: as disputas de narrativa sobre uma memória feminina na escrita da história*. Desenvolvo uma análise sobre as figuras femininas que tiveram suas memórias marcadas pelo colonialismo e colonialidade, estas personalidades – Coatlicue, Malinche e La Llorona – apresentadas e ressignificadas por Anzaldúa, que buscou uma memória positiva e ancestral delas. Este capítulo visa historicizar tais figuras e será articulado com outras autoras do pensamento feminista decolonial, evidenciando como a experiência de sujeitos, entendidos como subalternos, traz novas teorias. Neste sentido, os trabalhos de Ochy Curiel e Maria Lugones são essenciais. A partir destas relações entre história, memória e o pensamento feminista decolonial, desenvolverei os conceitos de *auto-história* e *auto-história teoria*, de Anzaldúa, associados à ressignificação desta memória das figuras femininas. Portanto, procuro mostrar como os estudos feministas decoloniais e a memória de sujeitos de fronteira podem contribuir para a escrita da história.

Encontrei poucas fontes historiográficas sobre Gloria Anzaldúa e sobre o pensamento feminista decolonial, grande parte das autoras e dos autores que li, são da Linguística, Teoria Literária, Sociologia e Antropologia. Apesar de serem áreas *afins*, tive o trabalho de historicizar não só a fonte principal, mas também a bibliografia lida para este trabalho. A própria Gloria Anzaldúa teve a sua formação nas Letras e Educação.

Portanto, convido a quem chegou até aqui a ler, não somente este trabalho, mas também a conhecer Gloria Anzaldúa. Esta intelectual, que infelizmente faleceu precocemente, em 2004, em função de complicações de diabetes, mas deixou uma produção rica, com tantas novas possibilidades de pensar não somente uma outra escrita da história, mas uma nova forma de olhar para a fronteira.

Deixo esta imagem, que foi capa do livro “El Mundo Zurdo: selected works from the meetings of the Society of Gloria Anzaldúa 2007-2009”, o qual infelizmente não encontrei *online* e nem a venda na Internet, com este desenho feito de Anzaldúa.

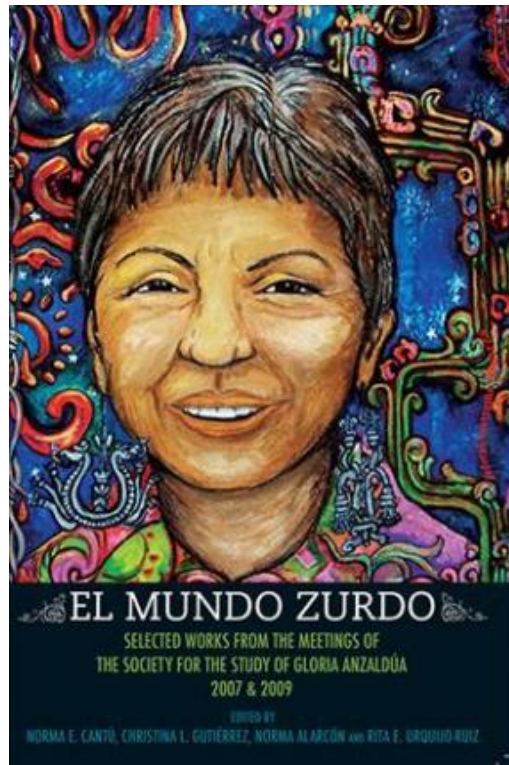


Figura 1: Capa do livro *El Mundo Zurdo: selected works from the meetings of the Society of Gloria Anzaldúa 2007-2009*, lançado em outubro de 2010.

Disponível em: <https://www.bookdepository.com/El-Mundo-Zurdo-Selected-Works-from-Meetings-Society-for-Study-Gloria-Anzaldua-2007-2009-Norma-Elia-Cantu/9781879960831>. Acesso em 14/05/2022.

Capítulo I – Como domar uma língua selvagem: as contribuições de Gloria Anzaldúa para a escrita da história

Quem é Gloria Anzaldúa e quais as contribuições de seus estudos e escritos para a escrita da história? Esta é a minha pergunta *suleadora*⁴ para a escrita deste capítulo. Gloria Evangelina Anzaldúa ainda é desconhecida e pouco estudada por uma boa parcela da academia brasileira. Eu mesma desconhecia Anzaldúa até pouco tempo atrás, e ao conhecê-la fiquei encantada por sua escrita, a ponto de escrever este trabalho de conclusão de curso sobre as suas contribuições para a escrita da história.

Este capítulo, além de responder quem é Gloria Anzaldúa, também busca trazer as contribuições dela, a partir de uma escrita autobiográfica, para os estudos da escrita da história. Importante ressaltar, que Gloria Anzaldúa foi uma mulher *chicana* intelectual, portanto ocupou vários espaços até chegar às universidades estadunidenses. Neste sentido, apresentarei as possíveis definições para a escrita da história atualmente, para poder discutir quais as contribuições de Anzaldúa, tendo em vista que ela reivindica uma produção com consciência étnico-racial e de fronteira.

Gloria Evangelina Anzaldúa possui uma larga trajetória acadêmica, e farei o possível para nas próximas páginas apresentar esta importante intelectual *chicana*, e como os seus estudos trazem novas possibilidades para a escrita da história. Mas para adentrarmos em alguns aspectos de sua produção acadêmica, se faz necessária uma breve introdução à trajetória de Anzaldúa. Ela nasceu em 1942, na cidade de Raymondville, na região do Rio Grande Valley, ao sul do Texas, nos Estados Unidos. Ela foi parte da sexta geração de sua família a nascer nos Estados Unidos, em função dos avanços da fronteira estadunidense em direção ao México. Sua infância se passa em um *rancho*, e as memórias de sua infância no *rancho* atravessam a sua obra.

Em seu texto *La Prieta*, publicado no livro *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Color*, organizado por Anzaldúa e Cherríe Moraga⁵, publicado em 1981,

⁴ *Suleadora* em oposição a “norteadora”. Entendo que a língua pode ser utilizada como uma forma de dominação, mesmo que muito sutil. Portanto, como este trabalho foi feito na tentativa de uma aproximação com o Sul global, usar “suleadora” fiz uma escolha epistemológica. Levando em consideração, que escrevo desde o Sul.

⁵ Cherríe Moraga, nascida em 1952, é uma importante intelectual do movimento feminista *chicano*, além de ter sido “comadre intelectual” de Anzaldúa, tendo organizado juntas o livro *This Bridge Called My Back*. Moraga é professora na Universidade de Stanford, no Departamento de Teatro e Estudos Comparativos em Raça e Etnia, e é uma importante referência sobre a teoria queer. Em seu texto *La Güera*, disponível na coletânea *This Bridge*

Anzaldúa explora, como desde sua infância, a sua etnia foi um importante marcador em sua vida. Isso se reflete em situações de xenofobia e racismo, na escola ou até mesmo em sua própria casa, na qual sua avó e mãe torciam para que ela tivesse nascido branca. Esta situação fica evidente na passagem: “Too bad mihijita was morena, *muy prieta*, so dark and different from her own fair-skinned children. But she loved mihijita anyway. What I lacked in whiteness, I had in smartness. But it *was* too bad I was dark like an Indian⁶”. Este trecho evidencia a pressão, dentro da própria família, no caso vinda da avó, para se esquecesse esta herança *chicana* e indígena. Um elemento lembrado por Anzaldúa, em outros momentos, é que o sistema educacional do Texas ainda era marcado pela segregação racial durante sua vida escolar, em função das Leis Jim Crow⁷. Durante sua educação básica, ela foi a única estudante *chicana* de sua turma, com outros poucos *chicanos* que frequentavam a escola, incluindo seus irmãos.

Ao ingressar na escola, Anzaldúa falava apenas espanhol, e, por conta disso, seus professores a zombavam e puniam. Entretanto, isso não a levou a deixar de estudar, pelo contrário, a incentivou a seguir estudando. Em 1962 ela conclui o *High School*, o equivalente ao nosso Ensino Médio, e muda-se para o norte do Texas, onde frequentou a *Texas Woman’s University* [Universidade de Mulheres no Texas]. Após um ano na universidade, ela retorna para casa, em função de dificuldades financeiras, e em 1965 ingressa na Universidade do Texas – Pan American, com ênfase em Educação e Inglês. Após concluir a graduação, atuou como professora na Educação Básica nos Estados Unidos, e neste meio tempo, cursou o mestrado aos finais de semana na Universidade do Texas, em Austin, novamente com ênfase em Inglês e Educação. Em sua carta, *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*⁸, Anzaldúa explica, brevemente, o que a levou a reivindicar o Inglês, como sua língua, também:

Called My Back, Moraga explora a “passabilidade” que ela tem, por sua pele clara, mas sua identificação emocional com os *chicanos*, tendo em vista que sua mãe (identificada enquanto mulher hispânica) era *chicana*.

⁶ ANZALDÚA, G. La Prieta. MORAGA, Cherie; ANZALDÚA, Glória (orgs.). *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Colour*. Watertown – Massachusetts (EUA): Persephone Press, 1981. [Tradução literal] Que pena que minha filha é morena, muito preta, tão escura e diferente de seus filhos de pele clara. Mas ela amava minha filha de qualquer jeito. O que eu não tinha de brancura, eu tinha de inteligência. Mas era muito ruim que eu fosse escura como uma índia.

⁷ As leis Jim Crow foram leis de segregação racial, que estiveram em vigor desde a década de 1870 até a década de 1960, nos antigos estados confederados, ao Sul dos Estados Unidos. Estas leis, estaduais, foram aplicadas após o fim da Guerra de Secessão (1861-1865), e a promulgação da 13ª emenda à Constituição dos EUA, que abolia a escravidão em território estadunidense. As leis Jim Crow terminaram, oficialmente, com a Lei dos Direitos Civis de 1964, mas os reflexos da segregação racial ainda são marcantes nos estados sulistas dos EUA.

⁸ A carta faz parte do livro *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Color*, organizado por Cherrie Moraga e Gloria Anzaldúa, publicado pela primeira vez em 1981. A carta, cuja o título original é *Speaking in Tongues: A Letter to the Third Women Writers*, é um dos poucos textos de Anzaldúa traduzidos para o português,

“Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês, para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças *chicanas* eram estúpidas e sujas. E o espanhol não era ensinado na escola elementar. E o espanhol não foi exigido na escola secundária. E mesmo que agora escreva poemas em espanhol, como em inglês, me sinto roubada de minha língua nativa.”⁹

Anzaldúa tenta iniciar um doutorado, ainda no Texas, sobre Literatura *Chicana*, mas acaba por desistir. Possivelmente, por não haver pesquisas sobre Literatura *Chicana* na Universidade do Texas, sua pesquisa não foi muito bem-vista e recebida. Apenas décadas mais tarde, em 1988, quando ela já vivia na Califórnia, que pode ingressar em um programa de doutorado, retomando seus estudos. Mas seu período “mais produtivo”, foi durante este intervalo entre o mestrado e o doutorado. Neste momento, ela trabalha como garçonne na Costa Leste para dedicar-se à escrita, e é justamente neste “hiato” entre a finalização do mestrado e o ingresso na Universidade de da Califórnia de Santa Cruz, em 1988, que ela escreve *Borderlands/ La Frontera*.

Durante o processo de escrita de seu mestrado, Anzaldúa aproximou-se e atuou como integrante e militante do Mexican American Youth Organization¹⁰, o MAYO, na década de 1960. O MAYO é um movimento que surge no contexto do movimento pelos direitos civis, que estava efervescendo nos Estados Unidos, desde a década de 1950. Entretanto, acaba por afastar-se do MAYO, em função do viés heteronormativo da organização. Ao término de seu mestrado, em 1972, ela estava envolvida no movimento de direitos civis, *Movimento Chicano* e e direitos das mulheres. Neste sentido, cabe ressaltar que Anzaldúa entende o conceito de *chicana* e *chicano*, justamente atrelado a consciência política e ideológica que o movimento *chicano* que ganha força na década de 1960, nos Estados Unidos.

Em diversas ocasiões, Anzaldúa foi cobrada para identificar-se mais com um movimento que com outro. E nesta passagem, a própria Glória Anzaldúa escreve sobre quem ela é, não devendo ser entendida como uma Glória fragmentada em diversas partes, mas sim uma Glória composta por diversos marcadores que a atravessam:

Eu sou uma ponte balançada pelo vento, uma estrada habitada por redemoinhos. Glória, a facilitadora, Glória a mediadora, escarranchada nas paredes entre abismos. "Sua lealdade é para La Raza, o movimento chicano", dizem os membros da minha raça. "Sua lealdade é com o Terceiro Mundo", dizem meus amigos negros e asiáticos. "Sua fidelidade é com seu gênero, com as mulheres", dizem as feministas. Depois, há minha

tendo sido publicado na revista Estudos Feministas em 2000, dezanove anos após a publicação do livro organizado por Moraga e Anzaldúa.

⁹ ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, p. 229-236, 1º semestre/2000, p. 229-230.

¹⁰ [Tradução literal] Organização da Juventude Mexicana-Americana.

lealdade ao movimento gay, à revolução socialista, à Nova Era, à magia e ao ocultismo. E há minha afinidade com a literatura, com o mundo do artista. O que eu sou? Uma feminista lésbica do terceiro mundo com tendências marxistas e místicas. Eles me cortavam em pequenos fragmentos e marcavam cada pedaço com um rótulo¹¹.

Outro aspecto importante da trajetória de Gloria Anzaldúa é a sua sexualidade. Anzaldúa ressalta em vários momentos de vários textos de sua autoria a sua sexualidade e orientação sexual. Ela identifica-se enquanto uma mulher lésbica, ou como ela coloca em vários momentos, uma mulher *chicana* lésbica e de fronteira. Em diversas ocasiões ela explora a sua sexualidade em seus escritos, as suas relações e dedica poemas para outras mulheres.

No período entre 1977 e 1981, ela viveu em São Francisco, no norte da Califórnia, e foi um período no qual ela se dedicou a escrita, recebendo apoio do Feminist Writer's Guild, a FWG. A FWG tinha por objetivo promover o trabalho de mulheres e escritoras feministas, "incluindo as minorias"¹². É neste contexto que ela entra em contato com Cherríe Moraga, sua grande parceira intelectual, e juntas organizaram o livro *This bridge called my back: Writings by radical women of color*, publicado em 1981. O livro é uma coletânea de textos, escritos das mais diversas formas (ensaios, artigos, carta) por diversas mulheres feministas, que reivindicavam o lugar de mulheres do terceiro mundo, em uma resposta à Segunda Onda do Feminismo¹³ e ao feminismo branco e ocidental. *This bridge called my back* é uma das antologias mais emblemáticas do feminismo da diferença, avançando nas discussões dicotômicas que o feminismo estadunidense se deparava.

A obra é trabalhada a partir de uma perspectiva interseccional, mesmo que o conceito não seja utilizado em si, afinal só foi "cunhado" nesses termos em 1989, pela intelectual negra estadunidense, Kimberlé Crenshaw. Valendo-se desta ferramenta criada pelo feminismo negro

¹¹ ANZALDÚA, Gloria. La Prieta. In: MORAGA, Cheríe; ANZALDÚA, Glória (orgs.). *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Colour*. Watertown – Massachusetts (EUA): Persephone Press, 1981. [Texto original] I am a wind-swayed bridge, a crossroads inhabited by whirlwinds. Gloria, the facilitator, Gloria the mediator, straddling the walls between abysses. "Your allegiance is to La Raza, the Chicano movement," say the members of my race. "Your allegiance is to the Third World," say my Black and Asian friends. "Your allegiance is to your gender, to women," say the feminists. Then there's my allegiance to the Gay movement, to the socialist revolution, to the New Age, to magic and the occult. And there's my affinity to literature, to the world of the artist. What am I? *A third world lesbian feminist with Marxist and mystic leanings*. They would chop me up into little fragments and tag each piece with a label

¹² Para saber mais sobre o Feminist Writers' Guild, recomendo a leitura do jornal de divulgação do FWG. DUBOIS, Rochelle. The Feminists' Writers Guild, *Women's Studies Quarterly*, 9 Vol. 3 (1981) 3, 46.

¹³ A Segunda Onda do Feminismo, iniciada ainda na década de 1960, ficou marcada por falar, pela primeira vez, sobre as relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo surge como um movimento libertário, não apenas por querer mais espaços para mulheres ocuparem em postos de trabalho, mas por também ansiar por uma nova forma de relacionamento (não necessariamente amoroso) entre homens e mulheres, baseada na autonomia e liberdade, para que elas pudessem decidir sobre seu corpo e sua vida. A Segunda Onda foi fortemente marcada pelos acontecimentos da década de 1960, como o surgimento da pílula anticoncepcional, a Guerra Fria e Guerra do Vietnã, movimento *hippie*, Maio de 1968, entre outros tantos.

estadunidense, as intelectuais não-brancas que compõem a obra abordam diversos assuntos divididos em seis capítulos que organizam os eixos temáticos do livro. São eles: 1. *Children passing in the Streets: the roots of our radicalism* (Crianças passando nas ruas: as raízes do nosso radicalismo); 2. *Entering the lives of others: Theory in the Flesh* (Entrando na vida dos outros: teoria na carne); 3. *And When You Leave, Take Your Pictures With You: Racism in the Women's Movement* (E quando você partir, leve suas fotos com você: racismo no movimento de mulheres); 4. *Between the Lines: on Culture, Class and Homophobia* (Entre as linhas: na cultura, classe e homofobia); 5. *Speaking in Tongues: The Third Woman Writer* (Falando em línguas: a escritora de terceiro mundo); 6. *El Mundo Zurdo: The Vision* (O mundo canhoto: a visão).

Também é nesta antologia que se encontra a sua carta às escritoras do terceiro mundo, cujo título original é *Speaking in Tongues: A Letter to the Third Women Writers*. Ademais, a obra é uma das mais importantes publicações de Anzaldúa, pois a colocou como uma das pioneiras na teoria queer¹⁴ e feminismo da diferença¹⁵. Após este primeiro sucesso, ela passou a dar conferências e palestras nos Estados Unidos.

Em 1987, Anzaldúa publica *Borderlands/ La Frontera*. No próximo capítulo, abordarei especificamente este livro, contudo, agora, vou me ater em como ele se insere na trajetória de Anzaldúa. A obra *Borderlands/ La Frontera* é muito importante para entender o pensamento da intelectual *chicana*, que recebeu vários prêmios¹⁶ com este livro. É uma obra que trabalha diversos aspectos, entre eles uma autobiografia da autora, como ela bem coloca no Prefácio de *Borderlands/ La Frontera*: “This book, then, speaks of my existence”¹⁷. Tanto em sua obra literária, quanto em suas obras de cunho mais teórico, Anzaldúa usa do falar de si como um

¹⁴ A teoria queer propõe um questionamento das epistemologias, e como a própria Anzaldúa coloca várias vezes em seu texto, é tudo aquilo que é estranho. Ao longo de sua obra *Borderlands/ La Frontera*, ela faz uma análise da fronteira em comparação e com diálogo com o queer. Entretanto, Anzaldúa recebe pouco reconhecimento sobre o seu pioneirismo e protagonismo nas investigações sobre o queer.

¹⁵ O feminismo da diferença surge em um contexto de oposição ao feminismo liberal. Ele se distancia das determinações biológicas e salienta as inscrições socioculturais dos sujeitos para além do gênero. Para saber mais, recomendo a leitura de: COSTA, C.; ÁVILA, C. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 691-703, p. 692, setembro-dezembro/2005.

¹⁶ Prêmio American Book, da Fundação Columbus; o prêmio Lambda Lesbian Small Book Press, o Prêmio de Ficção NEA (National Endowment for the Arts), o prêmio Lesbian Rights, o prêmio Sappho com Distinção, e o prêmio Lifetime Achievement da Associação de Estudos Americanos. Além de ter sido escolhido como um dos 100 melhores livros do século XX pela Hungry Mind Review Utne Reader. Informações retiradas de: Nota obituária que circulou pela Internet em maio de 2004, comunicando o falecimento da escritora. Tradução de Eliana Ávila e revisão de Susana Funck. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 12, vol. 1, p. 13, jan./abr./ 2004.

¹⁷ [Tradução literal] Este livro, então, fala da minha existência.

recurso teórico-metodológico. Estratégia que fica evidente em *Borderlands/ La Frontera*, e é identificada por Anzaldúa de auto-história teoria.

A partir da década de 1980, ocorrem diversas mudanças nas universidades estadunidenses, em função do pós-modernismo¹⁸ e pós-estruturalismo¹⁹. Estas novas ideias, que circularam o mundo, acarretam uma desestabilização das certezas e das verdades que se tinham²⁰. Isso possibilita que Anzaldúa entre em contato com universidades novamente, a partir de 1988, passando a lecionar na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. O fato de suas pesquisas, e até mesmo sua tese de doutorado, ter mais aceitação no final da década de 1980, na Califórnia, que no início da década de 1970, no Texas, evidencia como a literatura *chicana* conquistava cada vez mais espaço nos Estados Unidos. Infelizmente Anzaldúa morre precocemente, e não pode concluir sua tese de doutorado.

Anzaldúa, ao longo de toda a sua obra, mas especialmente em *Borderlands/ La Frontera*, desenvolve alguns conceitos centrais para entender sua produção. São eles, fronteira, como o próprio título do livro sugere, e *mestiza*. Ela desenvolve estes conceitos através da auto-história teoria, que é um modo de construção do conhecimento que rejeita o modo de construção de conhecimento ocidental. É justamente através da escrita que Anzaldúa consegue, com a sua rebeldia e resistência, transgredir este modo de pensar marcado pela colonialidade do poder e também do saber²¹. Sendo assim, é impossível separar a poesia da narrativa, o ensaio da carta,

¹⁸ O pós-modernismo é entendido, pelo historiador e filósofo Franklin Rudolf Ankersmit, como uma desestabilização da ciência, na qual ocorre uma troca dos padrões de pensamento. F. R. Ankersmit o define como “(...) uma forma de crítica desleal da ciência, um golpe abaixo da linha da cintura que talvez não seja justo, mas que por esta mesma razão realmente atinge a ciência onde ela é mais sensível”. Para saber mais sobre o pós-modernismo, recomendo a leitura de ANKERSMIT, Franklin R. *Historiografia e pós-modernismo. Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 113-135.

¹⁹ O pós-estruturalismo, assim como o pós-modernismo, visa superar o momento anterior, neste caso, o estruturalismo. De acordo com Vasconcelos, “se nossos modos de pensar e agir são condicionados por estruturas inconscientes, então a própria abordagem estruturalista em ciências humanas não é outra coisa senão uma resposta lógica às estruturas imanentes à cultura ocidental contemporânea”. Uma das grandes reivindicações do próprio pós-estruturalismo, no que diz respeito à História, é de abandonar o suposto cientificismo da disciplina e admitir que é um gênero literário. Para saber mais sobre o pós-estruturalismo recomendo a leitura de: VANCONCELOS, José Antônio. *História e pós-estruturalismo*. In: RAGO, M.; GIMENES, R. *Narrar o passado, repensar a História*. 2ª edição. Campinas (SP): Unicamp, 2014.

²⁰ COSTA, C.; ÁVILA, C. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 691-703, p. 692, setembro-dezembro/2005.

²¹ A colonialidade do poder foi um conceito elaborado na década de 1990, auge do neoliberalismo econômico, por Aníbal Quijano. Este conceito aborda a constituição de uma noção de poder, ligada ao capitalismo, colonial e que é eurocentrada. Já a colonialidade do saber, é um conceito criado para a dominação do “saber”, ou seja, no campo intelectual. Na colonialidade do saber, as epistemologias eurocentradas ou de um norte global são tidas como o padrão, ou modelo de estudos. Estes conceitos serão retomados no capítulo seguinte. MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*; QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina).2005.

nas produções de Anzaldúa. Para ela a própria escrita é um ato de rebeldia, de colocar-se contra o modo de produção de conhecimento ocidental.

Mas retomando o conceito de fronteira, a partir da auto-história teoria, para Anzaldúa, a fronteira é entendida mais do que um espaço físico, que separa o aqui de lá, o eu do outro. E Anzaldúa se identifica enquanto uma *border woman*, ou seja, uma mulher de fronteira. A fronteira é algo complexo para Anzaldúa, com diversas intersecções e vivências. A fronteira é pensada como uma categoria de análise, em função dos diversos atravessamentos dos quais se fazem as fronteiras, principalmente na fronteira entre Estados Unidos e México.

Somos uma combinação de duas culturas com vários graus de mexicanidade ou anglo. Eu tenho o conflito da fronteira tão internalizado que às vezes sinto que um cancela o outro e somos zero, nada, ninguém. Às vezes não sou nada nem ninguém. Mas até quando não sou, eu sou.²²

Entretanto, a fronteira não deve ser entendida apenas como este espaço de violência, apesar de ser um aspecto marcante em sua obra. Anzaldúa cria uma teoria da existência nas fronteiras, na qual se pode descrever um nacionalismo mais poroso e aberto a outras categorias de identidade²³. Nesta teoria de existência nas fronteiras, ela cruza a fronteira com questões de gênero, etnia, raça, sexualidade, além da própria língua. E é justamente neste aspecto que se faz tão importante entender a escrita de Anzaldúa, a escrita desta *border woman* [mulher de fronteira], como uma ferramenta de resistência.

A fronteira é entendida como um espaço que não é aqui, nem lá. Alguns teóricos a definem como um não-lugar²⁴, entretanto faço a opção por dialogar com aqueles outros intelectuais que entendem a fronteira como um terceiro espaço²⁵. E é assim que Anzaldúa entende a fronteira, como este espaço vivo, que mesmo que não sendo aqui e nem lá, é um lugar que possui pessoas que a habitam, memória e identidade. Entender a fronteira como um terceiro espaço, no pensamento de Anzaldúa, é fundamental para que a fronteira possa ser tida como uma categoria de análise, histórica ou não.

²² ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 63. [Texto original] We are a synergy of two cultures with various degrees of Mexicanness or Angloness. I have so internalized the borderland conflict that sometimes I feel like one cancels out the other and we are zero, nothing, no one. A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy.

²³ COSTA, Cláudia; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13 (3), p. 691, set./dez./ 2005.

²⁴ A teoria sobre os não-lugares, de Marc Augé, ganhou eco nos estudos sobre as fronteiras, principalmente antropológicos. Os não-lugares, para Augé, implicam, de certo modo, em viver no anonimato.

²⁵ Stephenson apud COSTA, Cláudia; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13 (3), p. 693, set./dez./ 2005

Outro conceito muito caro para Anzaldúa é *mestiza*, e aqui, opto pelo termo em espanhol. Afinal, este é um trabalho sobre o livro *Borderlands/ La Frontera: The new Mestiza*, um texto escrito em inglês, espanhol, *texmex*, e o conceito utilizado por Anzaldúa não foi traduzido do espanhol em nenhum momento. Sendo assim, vou utilizá-lo da forma como ela escreve e o utiliza. Anzaldúa escreve que “Em 1521 nació una nueva raza, el mestizo, el mexicano (people of mixed Indian and Spanish blood), a race that had never existed before²⁶”. O *mestizo* surge justamente deste contato entre os espanhóis e os indígenas nativos, no território que hoje pertence ao México. E mesmo que num primeiro momento seja entendido como uma “nova raça”, o *mestizo* deve ser entendido através da etnia também. A pedagoga e grande intelectual brasileira, Nilma Lino Gomes²⁷, define a etnia como um outro conceito utilizado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos na sociedade. Utilizando o Dicionário de Relações Étnicas e Raciais, de Ellis Cashmore, encontramos definição similar: “Um grupo étnico não é um mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas²⁸”. A etnia ainda pode ser definida como um grupo social que identifica-se através da comunidade, língua, cultura, tradições, territórios. E Kabengele Munanga²⁹ ainda frisa uma importante diferenciação conceitual, enquanto o conceito de raça é morfo-biológico, o de etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Ao iniciar o capítulo “La conciencia de la mestiza”, Anzaldúa escreve:

Jose Vasconcelos, filósofo mexicano, imagina uma raça mestiza, uma mescla de raças afins, uma raça de cor – a primeira raça síntese do globo. Ele a chamou de raça cósmica, a quinta raça abraçando as quatro maiores raças do mundo. Opondo-se à raça pura ariana e à política de raça pura que os estadunidenses praticam, a sua teoria é uma teoria inclusiva.³⁰

²⁶ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 5 [Tradução literal] Em 1521, nasceu uma nova raça, o mestiço, o mexicano (pessoas com sangue indígena e espanhol misturados), uma raça que nunca havia existido anteriormente.

²⁷ Nilma Lino Gomes é uma intelectual negra e pedagoga brasileira. Suas contribuições concentram-se na educação das relações étnico-raciais, com foco na teoria dos currículos. Foi a primeira mulher negra a tornar-se reitora em uma universidade federal, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Também atuou como Ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, durante a gestão de Dilma Rousseff, em 2015.

²⁸ CASHMORE, Ellis (org.). *Verbete Etnia. Dicionários das relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000.

²⁹ MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos PENESB* (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004. Kabengele Munanga é um intelectual congolês, naturalizado brasileiro desde 1985, e importante antropólogo. Foi professor titular da Universidade de São Paulo, no Departamento de Antropologia da FFLCH, até 2012, quando se aposentou.

³⁰ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 77 [Texto original] Jose Vasconcelos, Mexican philosopher, envisaged *una raza mestiza, una mezcla de razas afines, una raza de color - la primera raza síntesis del globo*. He called it a cosmic race, *la raza cósmica*, a fifth race embracing the four major races or the world. Opposite to the theory of the pure Aryan, and to the policy of racial purity that white America practices, his theory is one of inclusivity

Já neste primeiro trecho do capítulo, Anzaldúa evidencia que os mestizos surgem “abraçando” as outras raças que existiam até então. E principalmente, os mestizos são frutos de uma mistura, opondo-se às teorias raciais, principalmente do século XIX, que propunham uma raça pura, neste caso, entenda-se por “raça branca pura”.

A consciência da *new mestiza*, ou seja, da nova *mestiza*, é fruto de uma consciência de fronteira. Isso em função do trânsito entre uma cultura e outra, além da cultura de fronteira, como Anzaldúa escreve: “because I am in all cultures at the same time,/ alma entre dos mundos, tres, cuatro,/ me zumba la cabeza con lo contradictorio³¹”. Em outro momento ela ressalta que aprende a ser indígena na cultura mexicana e mexicana do ponto de vista estadunidense, aprendendo a fazer malabarismos entre as culturas.

A Virgem de Guadalupe é apresentada por Anzaldúa como símbolo dos *mestizos*, e mesmo que as figuras femininas em *Borderlands/ La Frontera* sejam objetos de análise do terceiro capítulo deste trabalho, aqui apontarei alguns aspectos relativos à mestiçagem. A Nossa Senhora de Guadalupe é uma santa católica, e santa padroeira do México, que foi fruto de um sincretismo religioso, misturando divindades astecas femininas com uma santa católica. A Virgem de Guadalupe é a divindade Tonantsi, a representação “boa” da divindade Coatlicue, enquanto Coatlalopeuh é a sua representação da sexualidade e da serpente. Tonantsi é a deusa mãe, e está mais associada a maternidade, ainda durante a colonização do México pelos espanhóis, eles aproveitaram-se desta representação para, através do sincretismo, criarem uma santa católica que se aproximasse tanto da população mestiza quanto da população indígena.

Ainda relacionado a *mestiza*, para Anzaldúa, ela aborda o *amansamiento* da cultura mestiza.

Como *mestiza*, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. *Soy un amansamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.³²

³¹ ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Towards a New Consciousness. In: *Borderlands/ La Frontera*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 77 [Tradução literal] Por que eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,/ alma entre os dois mundos, três ou quatro,/ me atordo a cabeça com o contraditório.

³² *Idem*, p. 80-81[Texto original] As a *mestiza* I have no country, my homeland cast me out; yet all countries are mine because I am every woman's sister or potential lover. (As a lesbian I have no race, my own people disclaim me; but I am all races because there is the queer of me in all races.) I am culturless because, as a feminist, I

Este *amansamiento* da cultura *mestiza*, para Anzaldúa, aborda o processo de hibridização das culturas. Na qual evidencia-se uma nova *mestiza* que perturba os binarismos culturais. A lógica é diferente da que estrutura as relações entre o centro e periferia, entre tradição e modernidade³³, entre o colonizador e o colonizado. Este *amansamiento* pode ser lido como uma hibridização, como um sincretismo de culturas.

Assim, podemos observar que os estudos de Anzaldúa estão inseridos em um movimento de desestabilização das certezas que se tinham até então, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980. Neste período, emergia a Nova História³⁴, em um momento no qual se rompeu com o paradigma tradicional ocidental, a partir de um movimento feito por intelectuais latino-americanos, africanos e asiáticos. Somado a isto, a História Social³⁵ e a História Cultural³⁶ ganhavam cada vez mais força, trazendo a história e a experiência daqueles tidos como os “de baixo”. Esta é a tendência que ainda se mantém hoje, o que acarretou a ampliação do que era passível de ser considerado fonte histórica. Se antes apenas documentos oficiais eram tidos como fontes históricas, nas últimas décadas a noção de fonte foi ampliada, para fontes orais ou até diários íntimos.

Outra questão importante de salientar, é que a década de 1970, no contexto do pós-guerra, foi marcada pelo fenômeno da emergência da memória³⁷. Neste sentido, produções de tom memorialista passaram a ser mais produzidas e a ganhar mais espaço entre os intelectuais. O conceito de auto-história teoria, de Anzaldúa, está inserido neste contexto de emergência da memória. Através de sua narrativa que conjuga suas memórias e experiências, dois conceitos muito caros para a História, ela desenvolve a auto-história teoria, modo de pensar e um jeito marcadamente seu de escrever história, mesmo que ela não seja historiadora.

challenge the collective cultural religious male-derived beliefs of Indo-Hispanics and Anglos; yet I am cubured because I am participating in the creation of yet another culture, a new story to explain the world and our participation in it, a new value system with images and symbols that connect us to each other and the planet. *Soy un amasamiento*, I am an act of kneading, of uniting and joining that not only has produced both a creature of darkness and a creature of light, but also a creature that questions the definitions of light and dark and gives them new meanings.

³³ COSTA, Cláudia; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13 (3), p. 691, p. 695, set./dez./ 2005.

³⁴ BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes – São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 9

³⁵ Para História Social, os estudos dos marxistas britânicos Eric Hobsbawm e E. P. Thompson são fundamentais, eles trazem uma perspectiva de uma “história vinda de baixo”, muito em função do cenário político da década de 1960. Esta “história vista de baixo” permitiu a ampliação da noção de fonte histórica, de sujeitos históricos e possibilitou que, a partir do movimento operário inglês, fossem apresentadas novas formas de se escrever história.

³⁶ Para História Cultural, vali-me dos conceitos de Peter Burke, em *O que é História Cultural?* (2005) e de Sandra Pesavento, em *História e História Cultural* (2003). A História Cultural é de extrema importância para a construção deste trabalho, pois a partir dela podemos estudar determinadas experiências e práticas que formam a cultura.

³⁷ HARTOG, Fraçois. A ascensão das dúvidas. In: *Crer em História. Autêntica*, Belo Horizonte, 2017. p. 32

No Brasil, em período similar às produções de Anzaldúa, Maria Beatriz Nascimento, historiadora e intelectual brasileira, publicou em 1974 o texto “Por uma história do homem negro”. Este é um dos mais conhecidos textos de Beatriz, publicado originalmente na Revista de Cultura Vozes, e mais tarde lembrado por Alex Ratts, que organizou o livro “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, publicado em 2006. Mas retomando o texto em questão, Nascimento critica a branquitude dos intelectuais brasileiros, ao enfatizar como a História de pessoas negras e indígenas é marcada por uma perspectiva da branquitude. Na qual não se abordam as experiências e vivências destas pessoas enquanto tal, as quais acabam por ser retratadas ligadas a escravidão, principalmente no caso dos negros, e como se os indígenas deixassem de existir após os primeiros anos de contato. Como muito bem colocado por Nascimento: “A história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita”³⁸. É neste sentido que, mesmo que Anzaldúa e Nascimento não dialoguem diretamente entre si, suas produções ainda assim estão ligadas, pois ambas reivindicam uma história capaz de contemplar os diferentes *sujeitos da história*³⁹.

Por fim, gostaria de salientar um aspecto em relação à produção de Anzaldúa tomando aqui como ponto de partida a possibilidade – ou não – de acesso aos seus escritos no Brasil, refiro o silêncio da tradução em relação às suas obras. A exceção de poucos capítulos soltos, traduzidos em revistas acadêmicas ou livro de coletâneas, não existe nenhuma obra sua traduzida integralmente para o português. Gloria Anzaldúa é uma intelectual pouco lida, pouco estudada e pouco reconhecida no Brasil.

Entretanto, suas produções dialogam com muitos estudos que estavam sendo realizados no Brasil. Um dos maiores exemplos entre estes diálogos das produções de Anzaldúa, nos Estados Unidos, com as produções que ocorriam no Brasil, possivelmente, está nas elaborações da intelectual brasileira Lélia González⁴⁰, que reivindicava uma Améfrica e o pretuguês, que é justamente evidenciar a influência da África no português falado no Brasil. Estas reivindicações da língua são características marcantes nas produções de ambas as intelectuais.

³⁸ NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 97.

³⁹ Recomendo o curto vídeo “A história do Brasil é uma História escrita por mãos brancas”, uma entrevista com Beatriz Nascimento, que foi retirado do documentário “O negro: da senzala ao soul”, realizado pelo Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo, em junho/julho de 1977. O excerto está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c>. Acesso em 26/03/2022.

⁴⁰ Lélia Gonzalez foi uma grande intelectual e ativista negra brasileira. Graduada em História, com doutorado em Antropologia, Lélia foi pioneira nos estudos sobre a intersecção entre gênero, raça e classe. Ela possui uma intensa produção e atuação política contra o racismo e sexismo. Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, o MNU.

Várias questões cruzam estas mulheres intelectuais, além de compartilharem de um tempo cronológico muito próximo, Anzaldúa e González também compartilhavam algumas reivindicações, sendo uma das mais parecidas os esforços para a construção de novas epistemologias que se afastassem de uma perspectiva branca e eurocentrada, ou até de um norte cultural. A valorização de elementos da vida cotidiana, ou até nas estruturas da sociedade, que se conectam com as ancestralidades, indígenas e africanas, também são elementos importantes. A Améfrica, e a categoria de amefricanidade, permitem ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico. A Améfrica permite compreender o processo histórico através de uma intensa dinâmica cultural⁴¹. Tanto Gloria Anzaldúa quanto Lélia Gonzalez escrevem a partir de uma perspectiva interseccional, sempre abordando os diversos cruzamentos que permeiam os sujeitos.

Outro aspecto importante de ressaltar acerca de Gloria Anzaldúa, é que ela foi uma das teóricas pioneiras da teoria queer, mas não tem este reconhecimento. Suas obras são repletas de referências à teoria queer, além dela identificar-se enquanto queer em diversos momentos, e mesmo assim ela não é lembrada quando falamos na teoria, principalmente nos Estados Unidos. O que nos leva a compreensão de que Anzaldúa teve sua obra silenciada, não somente na tradução, mas também pela falta de reconhecimento que teve pela sua contribuição em diversos assuntos, não apenas na teoria queer. Mesmo o conceito de auto-história teoria poderia ser estudado por historiadores, a fim de investigar as contribuições de Anzaldúa, através da sua escrita autobiográfica para a escrita da história.

Ainda cabe uma importante ressalva. Os estudos literários são os grandes responsáveis por tirar do esquecimento as produções intelectuais e letradas de autoria feminina. É possível perceber, não apenas no Brasil, que a rememoração de mulheres intelectuais, principalmente figuras vinculadas ainda ao século XIX, se dá principalmente por estudiosos vinculados a literatura. E isto se mostrou muito forte nos estudos sobre Anzaldúa, afinal, a maioria da bibliografia utilizada para a construção deste trabalho, que seja específica sobre a produção e a própria biografia de Anzaldúa, são estudos feitos através da Literatura. O silêncio da historiografia e da História Intelectual acerca das contribuições de autoras femininas foi percebido por Michel de Certeau, em *L'histoire, science et fiction* (1987), enquanto ele refletia sobre o historiador e as relações com os outros sujeitos sobre os quais escreve: “[...] em decorrência da diferenciação entre os sexos, deve-se concluir que uma mulher produz uma outra

⁴¹ GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 134-135.

historiografia que aquela do homem?”⁴². Esse silêncio e ausência de produções historiográficas acerca do gênero, evidencia como para a História Intelectual, o gênero ainda não é uma categoria de análise histórica.

Ela possui uma ampla produção, de trabalhos científicos e literatura infantil, com vários prêmios, principalmente na área da Literatura. Na década de 1990 publicou outra antologia de sucesso *Making Face, Making Soul/Haciendo Caras: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Color* [Fazendo Cara/ Fazendo Alma/ Fazendo Caras: Perspectivas Criativas e Críticas por Feministas de Cor], que evidenciou o seu desejo de criar comunidades multiculturais. E entre 1993 e 1995, publicou dois livros bilíngues infantis, *Friends from the Other Side/Amigos del otro lado* e *Prietita and the Ghost Woman/Prietita y la Llorona* [Amigos do outro lado/ Amigos do outro lado e Prietita e a Mulher Fantasma/ Prietita e a Chorona], respectivamente. A sua produção é muito variada e rica, e mantém diálogo com várias áreas de conhecimento.

Anzaldúa faleceu aos sessenta e um anos, em função das complicações de diabetes mellitus do tipo 1. Ela foi encontrada em sua casa, em Santa Cruz (Califórnia – EUA), e não se sabe ao certo o dia de seu falecimento (14 ou 15 de maio de 2004). Não há muitas informações sobre a sua morte, mas acredita-se que ela tinha preocupações financeiras, devido ao elevado custo dos medicamentos para tratamento da diabetes nos Estados Unidos, e não se sabe se ela realizava o tratamento. Apesar dos silenciamentos em torno de sua produção foi uma intelectual que está sendo reconhecida por suas contribuições teóricas no âmbito cultural e pela sua inovação da forma da escrever, marcada sobretudo por um rompimento com a lógica ocidental.

Infelizmente Anzaldúa faleceu poucos meses antes de defender sua tese de doutoramento, recebendo o título de doutora postumamente, em 2005, pela Universidade da Califórnia de Santa Cruz. Apesar de ter tido algum reconhecimento em vida, seu maior reconhecimento veio após a morte. As poucas traduções de seus textos para o português, o silenciamento de sua produção pela falta de tradução dificulta que os seus textos circulem.

⁴² OLIVEIRA, Maria da Gloria. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 104-140. Recomendo muito a leitura deste artigo, ele aborda os silenciamentos, trazendo dados, sobre o silêncio da Historiografia acerca das contribuições de intelectuais femininas para a escrita da História, além de evidenciar o baixo número de biografias de mulheres intelectuais, ao passo que há muitas biografias masculinas.

Ainda hoje, Anzaldúa é pouco estudada nas universidades brasileiras, mesmo que esteja recebendo mais reconhecimento nos últimos anos.

As contribuições teóricas de Anzaldúa foram muito importantes. O pensamento e consciência da nova *mestiza* trouxeram novas maneiras de pensar a fronteira, o próprio conceito de *mestiza*, *Chicana*, entre outros. Ela influenciou diversas áreas de conhecimento, desde a Literatura às Ciências Humanas, com todos os cruzamentos que estas têm. No próximo capítulo, falarei especificamente de suas contribuições a partir de *Borderlands/ La Frontera*, e como ele pode ser lido como uma importante fonte historiográfica.

No próximo capítulo, procurei mostrar como entendo *Borderlands/ La Frontera* como uma importante fonte historiográfica, além de explorar melhor algumas das categorias de análise utilizadas por Anzaldúa, como a própria fronteira e a linguagem. Para isso, explorei esta obra de extrema importância dentre as produções da intelectual, e procurei mostrar como estas categorias de análise podem ampliar as possibilidades nos estudos historiográficos. A partir da auto-história teoria e o próprio gênero autobiográfico podem-se abrir novos caminhos para explorar a memória daqueles sujeitos fronteiriços. Portanto, convido-lhes para que atravessemos fronteiras no próximo capítulo.

Capítulo 2 – Atravessando fronteiras: as ferramentas de análise da *New Mestiza* a partir de *La Frontera*

*Ya me gritaron mil veces que me regrese
A mi tierra porque aquí no quepo yo,
Quiero recordarle al gringo yo no
Cruce la frontera, la frontera me cruzo*⁴³

No capítulo anterior apresentei, dentro do possível, Gloria Evangelina Anzaldúa, e como seus trabalhos podem ser importantes contribuições para a escrita da história. Neste capítulo, vou apresentar a obra *Borderlands/ La Frontera*, especificamente, e como ela pode ser lida como uma importante fonte para a historiografia e escrita da história. Para isso, apresentarei o livro e as ferramentas de análise criadas por Anzaldúa. Cabe ressaltar ainda, que entendo *Borderlands/ La Frontera* como uma importante fonte historiográfica.

O livro *Borderlands/ La Frontera* foi a publicação mais importante de Anzaldúa, para sua trajetória enquanto intelectual. A obra é dividida em duas grandes partes, a primeira “*Atravesando fronteras/ Crossing borders*” conta com sete capítulos. Nesta primeira parte, Anzaldúa usa do recurso da auto-história teoria mais evidentemente, ao partir de episódios que ocorreram em sua vida e são explorados por ela. Nesta primeira parte, uma característica é que os textos são escritos em formato de ensaios, de maneira mais livre, na qual alterna prosa e poesia. Uma forte característica desta primeira parte da obra é a hibridez do texto de Anzaldúa, transitando entre gêneros e línguas.

O título deste capítulo, *Atravessando fronteiras: as ferramentas de análise da New Mestiza a partir de La Frontera*, se dá justamente em função da primeira parte de *Borderlands/ La Frontera*. A primeira parte do livro, intitulada *Atravesando fronteras/ Crossing borders*, é a parte mais teórica do livro, escrita, em sua maioria, em prosa. Como me falta o dom da poesia, escrevo em prosa. Além disso, por ser um trabalho de conclusão de curso, e um capítulo especialmente teórico, o título me pareceu caber bem. Então sigamos atravessando as fronteiras.

⁴³ LOS TIGRES DEL NORTE. *Somos mas americanos*. Los Angeles: Fonovisa Records. 2001 (3min 25s). A música *Somos mas americanos* foi composta por Enrique Valencia e interpretada pelo grupo Los Tigres del Norte, uma banda de música nortenha, original de Sinaloa (México), e atualmente residem em San Jose (Califórnia - EUA). A banda é famosa por seus *corridos*, gênero musical mexicano que contém críticas, de modo geral. O gênero foi muito importante durante a Revolução Mexicana. Retomando a Los Tigres del Norte, o grupo já ganhou 6 Grammys e 12 Grammys Latinos. Ainda sobre *Somos mas americanos*, a música também já foi interpretada pelo grupo mexicano Maná, em 2015.

Neste momento do livro, os capítulos que compõe a obra são: 1. *The Homeland, Aztlán/ El otro México*; 2. *Movimiento de rebeldía y las culturas que traicionan*; 3. *Entering into the Serpent*; 4. *La herencia de Coatlicue/ The Coatlicue State*; 5. *How to Tame a Wild Tongue*; 6. *Tilli, Tlapalli: the Path of the Red and Black Ink*; 7. *La Conciencia de la mestiza: Towards a New Consciousness*. Destes textos, os capítulos *How to Tame a Wild Tongue*⁴⁴ e *La Conciencia de la mestiza: Towards a New Consciousness*⁴⁵ são os únicos traduzidos para o português. Ressalto novamente que, até o momento, ainda não há nenhuma obra de Anzaldúa traduzida na íntegra para o português, apenas alguns capítulos de suas obras estão traduzidos em revistas acadêmicas.

Já a segunda parte, denominada *Un agitado viento/ Ehécatl, the Wind*, conta com seis capítulos. Esta segunda parte é constituída por poemas, que mesclam os idiomas do espanhol com inglês, o próprio *texmex* e o *náhuatl*, a língua asteca, falada na região central do México. Nesta parte, constituída por trinta e oito poemas autorais e inéditos, divididos em seis capítulos, explora as dores dos conflitos de sua identidade chicana⁴⁶. Através de poesias, Anzaldúa escreve, com enorme sensibilidade, sobre a identidade chicana entendida a partir da ótica deste espaço em que ela está inserida, a fronteira.

Borderlands/ La Frontera é um marco do movimento chicano, produzido a nível acadêmico, pois abordou aspectos culturais, literários e teóricos sobre a fronteira entre o México e Estados Unidos. Relembro que a fronteira não é entendida apenas como um espaço físico para Anzaldúa. Seu trabalho possui tamanha importância, inclusive pelo pioneirismo, por teorizar o(s) espaço(s) da fronteira, através de aspectos históricos, geográficos, culturais e linguísticos. Anzaldúa rompeu com um silêncio histórico-cultural e escreveu a partir de reivindicações do próprio movimento chicano, que buscava afirmar várias identidades desta região de fronteira⁴⁷. Ao longa da obra ela usa diversos recursos para evidenciar a fronteira e a cultura da fronteira. Entretanto, deixo um texto do Prefácio de *Borderlands/ La Frontera*, no qual a própria Gloria Anzaldúa escreve sobre o livro:

⁴⁴ ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Tradução de Joana Pinto e Carla dos Santos. Revisão de Viviane Veras, *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói (RJ), n. 39, p. 297-309, 2009.

⁴⁵ ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. Tradução de Ana Cecília Acioli Lima. Revisão de Susana Funck, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005. E recentemente o texto foi incorporado a coletânea: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

⁴⁶ SILVA, Fidelainy. A quebra do silêncio: o espaço da fronteira cultural na escrita de Gloria Anzaldúa e Milton Hatoum. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 21, p. 182, 1º semestre de 2018.

⁴⁷ *idem*, p. 180.

Este livro, então, fala da minha existência. Minhas preocupações com a vida do Eu interior, e com a dificuldade do Eu admitir a adversidade e violação; com a confluência de imagens primordiais; com os únicos posicionamentos que consciência assume nesses fluxos; e com minha quase instintiva necessidade de comunicar, de falar, de escrever sobre a vida nas fronteiras, vida nas sombras⁴⁸.

A fronteira também é vista como este espaço metafórico. A partir da metáfora da fronteira ela entra em diversos temas, desde a violenta invasão e ocupação do território nativo pelos espanhóis, à violenta invasão e ocupação do território mexicano pelos estadunidenses. Em uma *live* realizada em 30 de junho de 2020, pelo coletivo Filósofas na Rede⁴⁹, mediada pela filósofa Juliane Leão, a convidada e professora da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) Livia Santos de Souza, fala sobre como a escrita de Anzaldúa faz uma transposição da fronteira do geográfico para o pessoal, evidenciando que existe uma parte da América Latina que está nos Estados Unidos. É neste sentido, de espaço metafórico que a fronteira é apresentada por Anzaldúa, que ela explora diversos conflitos que ocorreram neste espaço.

Outra característica muito importante, no que diz respeito a linguagem utilizada no livro, é esta mescla de idiomas e de gêneros, misturando a prosa com poesia. É um detalhe muito específico, que me chamou a atenção na leitura de *Borderlands/ La Frontera*, é a técnica de auto tradução de Anzaldúa, evidente no próprio título do livro. Ela utiliza termos em inglês e os traduz para o espanhol, ou em espanhol e os traduz para o inglês. Isso evidencia, ainda mais, a sensibilidade do texto de Anzaldúa, que ao longo de toda escrita, nos lembra que esta é uma obra sobre fronteiras, escrita desde a fronteira.

María Lugones, em uma resenha do livro *Borderlands/ La Frontera*, publicada na *Hypatia Journal*, em 1992, escreve que o conceito de fronteira criado por Anzaldúa criou um espaço teórico para a resistência. Neste sentido, Anzaldúa explora os dois sentidos de ser oprimida por outros, pela cultura Anglo, e pela própria cultura chicana. Agregado a estes dois estados de opressão, Anzaldúa aborda uma auto opressão, contra a qual ela resiste, é o seu eu interior nas fronteiras. Como a própria Anzaldúa escreve: “Alienada de sua cultura mãe, “alien” na cultura dominante, a mulher de cor não se sente segura dentro da vida de seu Eu interior. Petrificada, ela não consegue responder, seu rosto preso entre os interstícios, os espaços entre

⁴⁸ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. Sem página. [Texto original] This book, then, speaks of my existence. My preoccupations with the inner life of the Self, and with the struggle of that Self amidst adversity and violation; with the confluence of primordial images; with the unique positionings consciousness takes at these confluent streams; and with my almost instinctive urge to communicate, to speak, to write about life on the borders, life in the shadows

⁴⁹ A descrição do coletivo Filósofas na Rede, disponível na página do Instagram é “Um grupo de Mulheres reunidas na quarentena, a fim de fomentar reflexão filosófica a partir da experiência do isolamento. Antifascista e antipatriarcal.”

os dois mundos que ela não habita⁵⁰”. A partir desta pequena passagem, é possível evidenciar as diferentes opressões que ela sente, de sua “cultura mãe”, bem como do local onde vive.

Neste sentido, se faz importante, a partir de agora, evidenciar as diferentes categorias de análise de Anzaldúa na escrita de *Borderlands/ La Frontera*. Como introduzido no capítulo anterior, a autora cria algumas categorias de análise para a escrita de sua obra. A principal categoria de análise é a própria fronteira, evidenciada a partir da auto-história teoria, na qual a fronteira é entendida como este espaço de existência, mas também como espaço de resistência.

Ao entender a fronteira como este terceiro espaço, que não é aqui nem lá, mas que é um espaço de vivência para alguns grupos sociais, nos permite, através da História Social e da História Cultural, trazer à tona os grupos sociais marginalizados e subalternos que as elites dominantes tentaram deixar cair no esquecimento. Usar a fronteira como uma categoria de análise, principalmente a fronteira entre os Estados Unidos e o México, marcada por diversas separações materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, é uma maneira de ampliar o debate, não apenas historiográfico, sobre os sujeitos que habitam e existem nas fronteiras. O próprio texto de Anzaldúa é escrito a partir da Literatura. Outro aspecto importante a ser destacado, e não apenas referente a *Borderlands/ La Frontera*, é que Anzaldúa não escreve apenas sobre a fronteira, mas também desde a fronteira.

Compreender a fronteira enquanto uma categoria de análise, é compreendê-la, também, como uma importante interlocução entre o subalterno e a cultura hegemônica⁵¹. O conceito de fronteira opera justamente para evidenciar que há uma diferença entre um local e outro, e trazendo este terceiro espaço como uma ponte, justamente esta interlocução entre um lugar e outro. E é desde aí, deste espaço que pode ser considerado às margens de dois locais, que Anzaldúa produz suas obras, com enorme sensibilidade.

O primeiro capítulo de *Borderlands/ La Frontera*, intitulado “*The Homeland, Aztlán/ El otro México*”⁵², se dedica a discutir a ocupação do território da Nova Espanha, pelos colonizadores espanhóis, bem como as posteriores invasões territoriais feitas pelos Estados Unidos ao México. Mas iniciando pelo próprio nome do capítulo, *The Homeland, Aztlán, Aztlán*

⁵⁰ ANZALADÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 20. [Texto original] Alienated from her mother culture, “alien” in the dominant culture, the woman of color does not feel safe within the inner life of her Self. Petrified, she can't respond, her face caught between *los intersticios*, the space between the different worlds she inhabits.

⁵¹ FIGUEIREDO, Carlos V. da Silva. *Entre mestizas e neplanteras: a auto-história, de Gloria Evangelina Anzaldúa, em Borderlands/ La Frontera*. 2017. 210 f. Tese (Tese de Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. p. 14.

⁵² [Tradução literal] A terra natal (ou pátria), Aztlán/ O outro México

é uma cidade mitológica, que seria a terra ancestral dos povos náuatles, um dos principais grupos da região da Mesoamérica, da qual os astecas fazem parte. Não se sabe ao certo a localização desta cidade mitológica, entretanto alguns arqueólogos apontam que Aztlán poderia estar na região sudoeste dos Estados Unidos, tendo em vista que esta região já foi ocupada por povos náuatles, espanhóis, mexicanos e somente a partir do século XIX que este território passou a ser ocupado, gradativamente, por estadunidenses⁵³.

Como a própria Anzaldúa escreve: “A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo rala contra o primeiro e sangra⁵⁴”. Esta fronteira é marcada por esta ferida aberta, seja pela violenta ocupação do continente europeu, pelos colonizadores europeus ainda no século XV, seja pelas violentas disputas territoriais promovidas pelos Estados Unidos a partir do século XIX, e que pode ser estendido para a construção do muro, agora promovida, principalmente, pelo atual governador do Texas⁵⁵. Além da violência física que esta fronteira pode atribuir, Anzaldúa também disserta sobre as violências não físicas, ou seja, principalmente emocionais. O preconceito e xenofobia vivenciado não apenas pelos *chicanos*, mas todos aqueles sujeitos fronteiriços.

Outra categoria de análise muito cara para Anzaldúa é o gênero. Um aspecto importante a ser ressaltado, é que o texto clássico de Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, foi publicado originalmente um ano após a publicação de *Borderlands/ La Frontera*, evidenciando como os diálogos da intelectualidade estadunidense, ligada aos estudos de gênero, produziam a partir de demandas sociais comuns. Sendo assim, uma das ferramentas de análise mais importantes da obra de Anzaldúa é o gênero.

Neste sentido, este trecho escrito por Joan Scott, manifesta como os diálogos entre as intelectuais femininas dos Estados Unidos estavam ligados. Sendo assim, Scott define a sociedade entende o gênero enquanto formas de construções culturais:

⁵³ PÉREZ, TORRES, Rafael. Refigurin Aztlán. In: SINGH, A.; SCHMIDT, P. (Org.). *Postcolonial Theory and the United States: Race, Ethnicity, and Literature*. Oxford (EUA): University Press of Mississippi, 2000.

⁵⁴ ANZALADÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 3. [Texto original] *the U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first bleeds*.

⁵⁵ Uma das promessas da campanha presidencial do republicano Donald Trump, ainda em 2016, era que construiria um muro gigante na fronteira com o México e o México pagaria por esta construção. Entretanto, com a eleição de Joe Biden, nas eleições de 2020, e a perda de Trump na campanha de reeleição, a construção do muro na fronteira não foi levada adiante. Contudo, o governador republicano do Texas, Greg Abbott, segue construindo o muro no mesmo conceito proposto por Trump. Em matéria do jornal Exame, Greg Abbott declara: “um muro em nossa fronteira para garantir e salvaguardar a soberania dos Estados Unidos, assim como de nosso próprio estado”. Texas constrói o seu próprio muro na fronteira com o México. *Exame*, 19 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://exame.com/mundo/texas-constrói-seu-próprio-muro-na-fronteira-com-o-méxico/>. Acesso em: 02/04/2022.

Além disso, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.⁵⁶

Ou seja, sob esta perspectiva, o gênero é entendido como uma categoria social imposta sobre todos os corpos sexuados. E isto é de extrema importância para a obra de Anzaldúa, pois em diversos momentos da obra ela ressalta como o gênero, em conjunto com outros atravessamentos, marcam não apenas sua obra, mas também sua vida, evidenciando as construções culturais aos quais os corpos fronteiriços são expostos.

Anzaldúa escreve a partir de uma perspectiva interseccional, mesmo que não use este termo, propriamente dito. Entretanto, ela constrói sua narrativa através das categorias de gênero, sexualidade, raça, etnia e classe. Nos Estados Unidos utiliza-se a expressão *women of color*, em tradução literal, mulheres de cor, para definir mulheres que não sejam consideradas brancas. Esta categoria abarca mulheres africanas, afro-latinas, afro-americanas, latinas, com ascendência indígena e asiáticas. Anzaldúa escreve a partir do local de mulher e *chicana*, que é entendida através da etnia, um conceito sociocultural, que traz consigo experiências ancestrais compartilhadas.

Outro elemento de extrema importância que Anzaldúa aborda em seu texto é o *queer*, e como o Movimento Chicano e o *Queer* estão intimamente ligados. Anzaldúa, bem como outras grandes intelectuais e artistas chicanas do mesmo período, a exemplo de Cherríe Moraga, Ana Castillo⁵⁷ e Alma López⁵⁸, são ligadas ao movimento e teoria *Queer*. E, através da fronteira, Anzaldúa explora o ser queer em uma sociedade fortemente machista, como a *chicana*. Em *Borderlands/ La Frontera*, a autora evidencia as dores de ser uma mulher *chicana* e lésbica, através da teoria *queer*, mas também evidencia a resistência do ser *queer*. É a partir do diálogo entre a teoria *queer* com a fronteira que Anzaldúa mostra como a cultura de fronteiras está em constante transição, essencialmente quando ocupada pelos queer, ou todos aqueles sujeitos que sejam considerados anormais e diferentes, sujeitos fora de um determinado padrão. Ressalto,

⁵⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, pp. 75, jul./dez. 1995.

⁵⁷ Ana Castillo (1953-) é uma romancista, poetisa, e ensaísta *chicana*. Suas produções abordam temas como racismo, xenofobia, classismo e machismo, e diversas obras suas já foram premiadas.

⁵⁸ Alma López (1966-), é uma importante artista plástica *chicana*, importante referência na teoria *queer*. Suas obras de arte frequentemente ressignificam a Virgem de Guadalupe e La Llorona, através de fotografias e artes digitais.

novamente, que Anzaldúa foi pioneira nos estudos sobre a teoria *queer*, mesmo que não tenha tido este reconhecimento.

E por fim, outra importante categoria de análise utilizada por Anzaldúa é a própria linguagem. A intelectual possui formação em Letras e Educação, muito ligada a Literatura e Linguística. Sendo assim, esta é uma forte marca em suas produções, não apenas em *Borderlands/ La Frontera*. Desde o século XIX, as línguas são vistas como produtos históricos, pois são emblemáticas para evidenciar as diferentes nacionalidades⁵⁹. A diferença de línguas, por si só, já mostra a diferença de um lado e outro da fronteira, e isto fica ainda mais evidente com a proibição do espanhol nas escolas estadunidenses, narrada por Anzaldúa, em suas lembranças sobre a vida escolar.

Mas retomando a linguagem e linguística como importantes categorias de análise, para a intelectual *chicana*, ela reivindica outro tipo de escrita. Ao mesclar gêneros e línguas, ao se auto traduzir, ela está evidenciando uma nova narrativa, a qual não se encaixa nos padrões ocidentais de produção de conhecimento. Gloria Anzaldúa reivindica uma escrita social, e em diversos momentos percebe-se na sua escrita uma vontade não somente de recuperar a terra perdida para os estadunidenses, mas também uma identidade perdida⁶⁰. Anzaldúa faz parte de um importante processo de renovação nas universidades, pois ela não escreve representando o subalterno, ela escreve como um sujeito subalterno. Este processo de decolonização das universidades, mesmo que ainda esteja ocorrendo, passadas mais de quatro décadas desde as primeiras inserções de Anzaldúa na academia estadunidense, evidencia o longo processo de descolonização dos saberes. A partir das inserções daqueles sujeitos que antes eram apenas o objeto de pesquisa, percebem-se inúmeras mudanças nos paradigmas e na forma de construção do conhecimento nas universidades.

Neste sentido, Walter Mignolo utiliza o conceito de “epistemologia de fronteira”, para ir contra uma epistemologia ocidental. Mignolo defende que o pensamento de fronteira é a saída para evitar estas epistemologias ocidentais:

Línguas marginalizadas e denegridas, religiões e formas de pensar estão sendo re-inscritas em confrontação com as categorias de pensamento do ocidente. Pensamento

⁵⁹ FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 25.

⁶⁰ FIGUEIREDO, Carlos V. da Silva. *Entre mestizas e neplanteras: a auto-história, de Gloria Evangelina Anzaldúa, em Borderlands/ La Frontera*. 2017. 210 f. Tese (Tese de Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. p. 41-43.

de fronteira ou epistemologia de fronteira é uma das consequências e a saída para evitar tanto o fundamentalismo ocidental quanto o não-ocidental⁶¹.

As epistemologias de fronteiras, aliadas às opções decoloniais, podem revelar identidades escondidas, ou até mesmo esquecidas. Optar por epistemologias de fronteira pode abrir espaço para novos agentes históricos e sociais, que na verdade sempre estiveram ali, mas epistemologias ocidentais não os percebiam, propositalmente ou por pura vaidade e egocentrismo, incapazes de enxergar qualquer outro indivíduo, que não o homem branco enquanto um agente histórico e social.

Epistemologias de fronteiras, com este viés decolonial, como a proposta por Gloria Anzaldúa, são capazes de encarar as demandas das comunidades indígenas, afros e *mestizas*. Afinal, ela escreve desde o Movimento Chicano, e dessa forma se coloca como uma mulher intelectual e militante. E isto desestabiliza e destrutura as certezas e verdades que o mundo ocidental acredita. O que contribui para que intelectuais indígenas e afros deparem-se com maior dificuldade para fazer com que suas ideias sejam tão competitivas quanto as de intelectuais ocidentais, aqui leia-se homens brancos, europeus e estadunidenses⁶². Sendo assim, cabe a quem pesquisa fazer o exercício de escolher em quais epistemologias acreditar e defender.

Neste sentido, *Borderlands/ La Frontera* pode ser entendida como uma importante fonte historiográfica, devido às suas contribuições para a escrita da história através da auto-história teoria e a autobiografia. Para isso, vou retomar como a biografia e a autobiografia são gêneros importantes para a escrita da história. Desde a Antiguidade existem vestígios da escrita biográfica, principalmente no que diz respeito a história de vida de grandes homens. Entretanto, a biografia, quando feita com vigor histórico, precisa ser entendida como um importante documento, pois amplia a noção de fonte para além de documentos oficiais.

A partir do século XIX, em uma concepção futurista, base da ideologia do progresso, que as filosofias deste período encontram força, como o positivismo e o marxismo. As transformações históricas aparecem, a partir destas filosofias do século XIX, como produtos de forças impessoais, com pouca participação dos indivíduos⁶³. A biografia deixou de ser considerada uma ciência histórica, ao mesmo tempo em que o século XIX também é marcado

⁶¹ MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008, p. 297.

⁶² MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008, p. 299-301.

⁶³ SCHMIDT, Benito. Biografias e Regime de Historicidade. *Métis: História e Cultura*, Caxias do Sul, vol. 2, n. 3, p. 59-60, jan./jun. 2003.

pela individualidade, principalmente em autobiografias e romances. A biografia passou a ser vista como um importante elemento do individualismo burguês, não sendo mais uma possível fonte histórica durante o século XIX. A biografia era tida como um gênero menor, feita por amadores.

Entretanto, a partir da década de 1980, período no qual foi escrito *Borderlands/ La Frontera*, a biografia e autobiografia passaram a ganhar cada vez mais espaço novamente, não somente no mercado editorial, como também nas instituições acadêmicas. A partir daí, cada vez mais livros, que traziam biografias de diferentes pessoas e personalidades, escritos por pessoas sem a formação em História, ganhavam cada vez mais espaço nas livrarias.

É a partir do século XX também, principalmente no contexto do pós Segunda Guerra Mundial, que percebeu-se um novo fenômeno: o presentismo. O presentismo é um fenômeno que traz um interesse muito grande pela memória, pelo patrimônio, por romances históricos, moda retrô. Isso ocorre em função da crise que se viveu no início do século XX, marcada pelo futurismo. Hartog escreve sobre o século XX: “Se, em primeiro lugar, ele foi mais futurista do que presentista, terminou mais presentista do que futurista⁶⁴”. A falta de perspectiva de futuro, gerada pelos acontecimentos da primeira metade do século XX, gerou um grande apego a memória.

É neste sentido, que Benito Schmidt questiona se não é possível pensar este “retorno” do gênero biográfico acompanhado pelo interesse entre a história e memória⁶⁵, evocados pelo presentismo, e não apenas como consequência do mercado editorial. Entretanto, não foi apenas o presentismo que abriu espaço para que os historiadores produzissem biografias. O estudo e produção das biografias está intimamente associado a este rompimento com a história que se dava através das grandes estruturas, valorizando mais aspectos sociais e culturais, eventos ordinários e corriqueiros da vida comum. A biografia e autobiografia não eram algo apenas para os grandes homens, e a micro-história italiana, principalmente através de Carlo Ginzburg⁶⁶, mostrou isso.

É neste contexto de recuperação do gênero biográfico e autobiográfico, dentro de uma perspectiva historiográfica presentista, que Anzaldúa publica *Borderlands/ La Frontera*.

⁶⁴ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 140.

⁶⁵ SCHMIDT, Benito. *Biografias e Regime de Historicidade. Méis: História e Cultura*, Caxias do Sul, vol. 2, n. 3, p. 62, jan./jun. 2003.

⁶⁶ Carlo Ginzburg publicou, em 1976, o livro “O Queijo e os Vermes”, que retrata a vida cotidiana de um moleiro, Menocchio, durante a Idade Média, que foi perseguido pela Inquisição.

Inserido ainda nas reivindicações do próprio movimento *chicano*, ligado a uma epistemologia decolonial, que está associada ao feminismo estadunidense da década de 1980. A obra de Anzaldúa é fruto de inúmeras reivindicações que estavam sendo realizadas no período.

Textos biográficos e autobiográficos, como é o caso de *Borderlands/ La Frontera*, podem apontar para novas possibilidades de compreender, escrever e construir a história⁶⁷. A partir das contribuições dos estudos literários, sob impactos dos estudos feministas, a partir da década de 1970, as produções letradas e intelectuais de autoria feminina passaram a ganhar mais visibilidade. E, principalmente, nos Estados Unidos, a crítica literária feminista teve importante papel, justamente por criticar não somente a pouca inserção de mulheres intelectuais na academia, mas também a pouca visibilidade que as *mulheres de cor* tinham na academia, somada às críticas ao feminismo branco.

A obra *Borderlands/ La Frontera* pode contribuir para a escrita da história pois, por ser uma obra de caráter autobiográfico, ela traz outras contribuições que podem auxiliar, inclusive, na História Intelectual. Verena Alberti, em seu artigo “Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa” (1991), nos diz que a autobiografia, “nascida” e legitimada na Modernidade, atualizou uma modalidade discursiva que estaria retrocedendo ao “arcaico”⁶⁸. Alberti, uma importante referência nos estudos de História Oral, ainda chama a atenção para o fato da autobiografia ser um espaço de expressão do indivíduo. Neste sentido, o Eu⁶⁹, está presente no texto. O texto autobiográfico tem como perspectiva a retrospectiva, onde ela aborda diversos acontecimentos através dos desdobramentos de sua própria vida. Logo, o texto autobiográfico opera com uma série de memórias.

No artigo “Memória, Esquecimento e Silêncio”⁷⁰, de Michael Pollak, ele nos apresenta a ideia de que há uma seletividade em toda memória, no qual ocorre um processo de “negociação para conciliar a memória coletiva com a memória individual. A auto-história teoria, por ser um conceito que opera com a autobiografia, acaba por lidar, diretamente com as memórias, individuais e coletivas. Por *Borderlands/ La Frontera* se tratar de um texto com aspectos memorialistas, acredito que seja válido apresentar os debates entre História e Memória,

⁶⁷ SCHMIDT, Benito. Biografias e Regime de Historicidade. *Métis: História e Cultura*, Caxias do Sul, vol. 2, n. 3, p. 69, jan./jun. 2003.

⁶⁸ ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

⁶⁹ Anzaldúa referencia a si mesma em seu texto como *Self*.

⁷⁰ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

para poder melhor compreendê-lo enquanto uma importante fonte historiográfica para, não somente, os estudos da escrita da história, mas também de uma História Intelectual.

Um conceito, que me parece, muito caro para ler *Borderlands/ La Frontera* com este viés historiográfico, é o de memórias subterrâneas, apresentado por Pollak no mesmo artigo. As memórias subterrâneas acentuam o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. As memórias subterrâneas são “subversivas”, no silêncio, de maneira que, quase imperceptível, afloram em momentos de crise. Estas memórias subterrâneas, ficam muito evidentes pelas subversões que a própria Anzaldúa rememora em sua obra. Apesar de *Borderlands/ La Frontera* ser recheado de relatos memorialistas, o quinto capítulo, *How to Tame a Wild Tongue* [Como domar uma língua selvagem], é o capítulo que achei mais memorialista.

Ainda de acordo com Pollak, “Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades”⁷¹. Neste sentido, é possível perceber que, o período do lançamento do livro, é marcada por uma série de reivindicações, não apenas de intelectuais feministas, mas também por parte de grupos de mulheres não-brancas, que reivindicavam por um outro feminismo. Por outras formas de produção de conhecimento. Portanto, com a História Cultural e História Social, se dão novas aberturas para os estudos historiográficos, abrindo espaço para novas fontes⁷². Portanto, a História deste passado mais recente, que é narrado e rememorado em *Borderlands/ La Frontera*, traz importantes contribuições, justamente pelas operações na escrita que Anzaldúa faz, valendo-se da memória.

E por fim, de acordo com Jacques LeGoff,

(...) a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.⁷³

Mesmo que a memória *mestiza* de Anzaldúa seja escrita, ela se mostra em um constante embate com a memória dos Estados Unidos, uma memória ocidental que se crê dominante.

⁷¹ *Idem*, p. 5

⁷² SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Una discusión. 1ª ed. México: Siglo XXI Editores, 2006. p. 12.

⁷³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 250.

Sendo assim, podemos considerar *Borderlands/ La Frontera* uma obra com múltiplas possibilidades de análise, tendo sido apresentadas aqui, apenas algumas das possíveis considerações acerca das contribuições da mesma para a escrita da história. Além disso, a obra é de extrema importância por ser uma das primeiras de teorização sobre o movimento feminista *chicano* e as suas reivindicações. Este trabalho de Anzaldúa foi de extrema importância para as epistemologias de fronteira, devido às suas contribuições e pioneirismo em diversos aspectos abordados no livro, como a teoria *queer* e inovação com a qual ela opera o conceito de fronteira.

As categorias de análise apresentadas evidenciam a reivindicação por uma nova narrativa, que não é apenas intelectual, mas é uma escrita social. Nos agradecimentos iniciais de *Borderlands/ La Frontera*, Anzaldúa escreve: “*This book is dedicated a todos mexicanos on both sides of the border*”, logo, podemos perceber que o livro é escrito por uma *chicana* que espera que ele chegue a outros *chicanos*. Portanto, *Borderlands/ La Frontera* é uma importante contribuição para a teorização do movimento *chicano* nos EUA, como um todo. O livro, autobiográfico, escrito através de suas memórias, nos mostra não apenas uma nova possibilidade de escrita da história, como também uma nova forma de pensar o feminismo e os estudos decoloniais.

No terceiro, e último capítulo, apresentarei como os estudos feministas decoloniais podem auxiliar, com as suas importantes contribuições, para a escrita da história, a exemplo de *Borderlands/ La Frontera*. Para isso, será evidenciado como a memória de sujeitos subalternos podem contribuir para esta escrita. E por fim, serão abordadas as memórias coletivas que foram construídas sobre figuras femininas ligadas ao colonialismo, e a reapropriação destas figuras que o movimento feminista *chicano*, do qual Gloria Anzaldúa faz parte, fizeram (e ainda fazem) e como estas figuras são reapropriadas, através de uma valorização das mesmas.

A obra *Borderlands/ La Frontera* pode contribuir para a escrita da história pois, por ser uma obra de caráter autobiográfico, ela traz outras contribuições que podem auxiliar, inclusive, na História Intelectual. Verena Alberti, em seu artigo “Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa” (1991), nos diz que a autobiografia, “nascida” e legitimada na Modernidade, atualizou uma modalidade discursiva que estaria retrocedendo ao “arcaico”⁷⁴. Alberti, uma importante referência nos estudos de História Oral, ainda chama a atenção para o fato da autobiografia ser um espaço de expressão do indivíduo. Neste sentido, o Eu⁷⁵, está

⁷⁴ ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

⁷⁵ Anzaldúa referencia a si mesma em seu texto como *Self*.

presente no texto. O texto autobiográfico tem como perspectiva a retrospectiva, onde ela aborda diversos acontecimentos através dos desdobramentos de sua própria vida. Logo, o texto autobiográfico opera com uma série de memórias.

Sendo assim, podemos considerar *Borderlands/ La Frontera* uma obra com múltiplas possibilidades de análise, tendo sido apresentadas aqui, apenas algumas das possíveis considerações acerca das contribuições da mesma para a escrita da história. Além disso, a obra é de extrema importância por ser uma das primeiras de teorização sobre o movimento feminista *chicano* e as suas reivindicações. Este trabalho de Anzaldúa foi de extrema importância para as epistemologias de fronteira, devido às suas contribuições e pioneirismo em diversos aspectos abordados no livro, como a teoria *queer* e inovação com a qual ela opera o conceito de fronteira.

As categorias de análise apresentadas evidenciam a reivindicação por uma nova narrativa, que não é apenas intelectual, mas é uma escrita social. Nos agradecimentos iniciais de *Borderlands/ La Frontera*, Anzaldúa escreve: “*This book is dedicated a todos mexicanos on both sides of the border*”, logo, podemos perceber que o livro é escrito por uma *chicana* que espera que ele chegue a outros *chicanos*. Portanto, *Borderlands/ La Frontera* é uma importante contribuição para a teorização do movimento *chicano* nos EUA, como um todo. O livro, autobiográfico, escrito através de suas memórias, nos mostra não apenas uma nova possibilidade de escrita da história, como também uma nova forma de pensar o feminismo e os estudos decoloniais.

Capítulo 3 – *Entrando na serpente*: as disputas de narrativa sobre uma memória feminina na escrita da história

*Hay tantísimas fronteras
Que dividen a la gente,
Pero por cada frontera
Existe también un puente*⁷⁶

Este capítulo tem por objetivo discutir as disputas de narrativas que envolvem a escrita da história, que por tantos séculos relegou às figuras femininas um papel secundário. Neste sentido, será dado um maior enfoque a algumas figuras femininas, como *La Malinche*, Coatlicue e a Virgem de Guadalupe, a fim de discutir em quais memórias elas são evocadas e quais as reivindicações que Anzaldúa faz a partir delas. Para isso, utilizarei das discussões teóricas de intelectuais femininas decoloniais, da década de 1980 até a atualidade para me guiar neste debate.

O título desse capítulo é inspirado no terceiro capítulo de *Borderlands/ La Frontera*, intitulado *Entering Into the Serpent*, que pode ser traduzido por *Entrando na Serpente*. A serpente é vinculada, na mitologia asteca, ao feminino. Logo, como me propus e fazer uma discussão sobre as disputas acerca de uma memória feminina no âmbito da escrita da história, busquei estabelecer este diálogo com o movimento feminista decolonial, e quais as possíveis contribuições que as epistemologias de fronteira podem agregar aos estudos sobre escrita da história. Então, comecemos a *entrar na serpente*.

Ochy Curiel é uma importante intelectual, teórica do feminismo decolonial. Ela é afro-dominicana, e atua como professora universitária na Universidade Nacional da Colômbia. Ochy Curiel possui uma ampla produção acadêmica e é integrante do GLEFAS, o *Grupo Latinoamericano de Estudio, Formación y Acción Feminista*. Em uma conferência, proferida por ela, na Universidade de Granada (Espanha), em novembro de 2016, intitulada *El Feminismo Decolonial Latinoamericano y Caribeño. Aportes para las Prácticas Políticas Transformadoras*⁷⁷, a intelectual nos apresenta as duas principais fontes para o feminismo

⁷⁶ Escritos de Gina Valdés, que Anzaldúa utiliza no sétimo capítulo da primeira parte, *La conciencia de la mestiza/ Towards a New Consciousness*, no subcapítulo *Somos una gente* (p. 85). [Tradução literal] Há tantas fronteiras/ que dividem a gente,/ Mas para cada fronteira/ también existe una ponte.

⁷⁷ A conferência, financiada pela Agencia Andaluza de Cooperación Internacional al Desarrollo (AACID), foi realizada em função da Aula Magna da Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia da Universidade de Granada.

decolonial: a primeira são os próprios feminismos críticos ao feminismo hegemônico, como o feminismo negro ou o indígena e a segunda é a teoria decolonial, em si. Além disso, o feminismo decolonial está diretamente associado às práticas ativistas. Sendo assim, a partir destes cruzamentos, surgem as primeiras reivindicações do feminismo decolonial.

O feminismo decolonial é fruto das experiências de mulheres latino-americanas que teorizaram as suas vivências enquanto mulheres do Terceiro Mundo. Afinal, compreendem que diversos aspectos particulares de suas experiências e existências não foram contemplados pelo feminismo hegemônico, um feminismo que é geopolítico, tem cor e relações de poder definidas. E foi justamente este feminismo decolonial que propôs que se repensasse a História da América Latina, a partir de outras epistemologias.

O conceito *feminismo decolonial* foi criado por María Lugones, mas já havia pesquisadoras reivindicando este feminismo em suas produções, sem necessariamente utilizar o conceito feminismo decolonial em si. Um processo semelhante ao do conceito de interseccionalidade, que apesar de ter sido cunhado por Kimberlé Crenshaw, em seu artigo publicado em 1989, intelectuais do feminismo negro já operavam com a lógica do conceito antes, principalmente a partir da década de 1970. O feminismo decolonial se inspirou nas reivindicações feitas por outros feminismos, por mulheres que não se sentiam representadas pelas reivindicações do feminismo hegemônico, um feminismo com suas próprias relações de poder definidas, que tomava as experiências de mulheres brancas, do norte global, como exemplo único de vivência para este feminismo hegemônico.

Sendo assim, agora adentraremos na segunda fonte do feminismo decolonial, o próprio conceito de colonialidade do poder (que posteriormente será ampliado para colonialidade do saber). O clássico artigo de Aníbal Quijano, *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, escrito em meados da década de 1990, auge do neoliberalismo, foi publicado já no século XXI, o intelectual peruano nos apresenta uma nova forma de pensar, a partir da colonialidade, que foi base de uma outra proposta epistemológica⁷⁸. Quijano aborda reflexões

Está disponível no Youtube, recomendo muito a visualização da conferência. Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo de la Universidad de Granada (CICODE UGR). *El Feminismo Decolonial Latinoamericano y Caribeño. Aportes para las Prácticas Políticas Transformadoras*. Youtube, 7 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0vLLIncsG0>. Acesso em: 08/04/2022.

⁷⁸ ROCHA, Bruno. Revisitando Aníbal Quijano e a colonialidade do poder na América Latina. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, edição 507, 19 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6926-revisitando-anibal-quijsano-e-a-colonialidade-do-poder-na-america-latina>. Acesso em 09/04/2022.

inquietantes, que seguem atuais ainda hoje. Ele propôs que se deixassem os paradigmas eurocêntricos e se pensasse a América Latina a partir da própria América Latina.

Retomando a conferência de Ochy Curiel, na Universidade de Granada, me pareceu genial a definição que ela nos dá a respeito do conceito de colonialidade. Ela entende que a colonialidade não nega o colonialismo, mas que esta é uma sequela do colonialismo, de como se expressam as relações de poder mundial na atualidade. E estas sequelas se mostram nas relações sociais, historicamente de exploração, dominação, de conflito em torno de várias questões da vida social. Elas se mostram nas relações de trabalho, na relação com a natureza, relações de gênero, de subjetividade e no próprio conhecimento. É neste sentido, nas sequelas que ainda são evidentes no âmbito do conhecimento, que há outro conceito tão caro para a teoria decolonial: a colonialidade do saber.

A colonialidade do saber vai contra o eurocentrismo impregnado em diversos âmbitos do conhecimento latino-americano. Ele pode manifestar-se como um currículo escolar ou universitário eurocentrado, de um(a) intelectual do norte global escrevendo sobre a América Latina como se fosse algo exótico e, principalmente, nas formas que se produz conhecimento. As próprias universidades latino-americanas reproduzem a colonialidade do saber através de suas práticas em dissertações e teses. É neste sentido que, reivindicar outra narrativa e forma de produção de conhecimento, como não apenas Quijano faz, mas intelectuais como Ochy Curiel, María Lugones e principalmente Gloria Anzaldúa fizeram e fazem. É por isso que evidenciar em notas de rodapé que quem escreveu o texto foi Lélia Gonzalez, e não apenas Gonzalez também tem uma grande importância para mim. É uma reivindicação de outro tipo de produção, uma produção que, apesar de ainda seguir em diversos aspectos a colonialidade do saber, também tenta desamarrar-se da mesma, mesmo que aos poucos.

Mas retomando o artigo de María Lugones, apresentado brevemente no capítulo anterior, intitulado *Colonialidad y Género*, publicado na revista *Tabula Rasa*, em 2008, ela amplia o debate acerca da colonialidade, a partir do conceito proposto pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano. Lugones critica Quijano, por entender sexo a partir de uma perspectiva biológica:

No padrão de Quijano, o gênero parece estar contido dentro da organização daquele “âmbito básico da existência” que Quijano chama de “sexo, seus recursos e produtos” (2000b:378). É dizer, dentro do seu marco, existe uma descrição de gênero que não se coloca sob interrogação e que é demasiado estreita e hiper biologizada já que pressupõe o dimorfismo sexual, a

heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras pressuposições desse tipo.⁷⁹

Portanto, a colonialidade, para Quijano, reduz o gênero à organização do sexo biológico. O dimorfismo sexual é o entendimento dos povos colonizados e/ou escravizados enquanto machos e fêmeas, devido a sua capacidade reprodutiva. Logo, todas as construções sociais que envolvem o gênero, foram reduzidas ao seu aspecto biológico. Uma diferenciação que Lugones e Ochy Curiel ressaltam é que, enquanto as mulheres escravizadas eram consideradas fêmeas, apenas aquelas que vieram a partir da colonização eram consideradas mulheres. Sendo assim, as intelectuais do feminismo decolonial ampliam paradigmas e abrem novas possibilidades de pesquisa, não somente no campo da História.

As reivindicações contra este feminismo hegemônico se dão justamente a partir de outras vivências e experiências que não aquelas de um tipo ideal deste feminismo hegemônico. Estas reivindicações, feitas a partir do feminismo decolonial, possibilitaram a escrita de novas histórias e a rememoração de outras memórias na América Latina. E isso fica evidente em *Borderlands/ La Frontera*. O anseio, não somente por um outro tipo de narrativa, mas também por Anzaldúa compartilhar sua vivência e experiência, permite que ela apresente mais do que sua teoria de fronteira, mas também uma nova maneira de escrever história, mesmo que o texto não seja historiográfico por si.

A História, principalmente a Intelectual, como abordada no capítulo anterior, evidencia um silêncio em relação ao protagonismo feminino. Entretanto, quando pensamos no protagonismo feminino na religião católica, em uma história protagonizada e escrita, majoritariamente, por homens, este silenciamento é ainda maior⁸⁰. Então, me propus a pensar sobre as memórias de mulheres ligadas a colonização, e quais às memórias que lhes foram relegadas. Em relação a religião, aqui especificamente a Igreja Católica Apostólica Romana, se faz importante pontuar que sua presença foi uma constante no decorrer do processo de colonização.

De acordo com a tradição oral mexicana e documentos eclesiásticos, como o *Nican Mopohua* e o Códice Guadalupano de 1584, em 1531 houve quatro aparições da Virgem de

⁷⁹ LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá (Colombia), n. 9, p. 82, jul./dez. 2008. [Texto original] En el patrón de Quijano, el género parece estar contenido dentro de la organización de aquel “ámbito básico de la existencia” que Quijano llama “sexo, sus recursos y productos” (2000b:378). Es decir, dentro de su marco, existe una descripción de género que no se coloca bajo interrogación y que es demasiado estrecha e hiperbiologizada ya que presupone el dimorfismo sexual, la heterosexualidad, la distribución patriarcal del poder y otras presuposiciones de este tipo.

⁸⁰ LONDOÑO, Fernando; CIRIGLIANO, Manuela. Tonantzin, Coatlicue e a Virgem de Guadalupe: da continuidade híbrida à resistência na luta das mulheres chicanas. *Mandrágora*, v.26, n. 2, p.115, 2020.

Guadalupe a Juan Diego Cuauhtlatoatzin, um indígena asteca. A primeira aparição mariana ocorreu no Monte Tepeyac, localizado ao norte da Cidade do México. O Monte Tepeyac era um local de culto à divindade mesoamericana, Tonantzin⁸¹, que é tida em diversas culturas como a mãe dos deuses. Cabe frisar que, nos primeiros anos do processo de conquista, o templo para Tonantzin foi destruído pelos colonizadores espanhóis. Entretanto, após as aparições da Santa católica para Juan Diego, ao final de 1531 já foi erguida uma capela para Guadalupe. Logo, podemos perceber como, desde a criação da Virgem de Guadalupe mexicana⁸², ela foi atravessada pelo sincretismo religioso, misticismo e mestiçagem⁸³.

No capítulo *Entering Into the Serpent*, Gloria Anzaldúa escreve que sua família não praticava a religião Católica Apostólica Romana, mas um cristianismo com muitos elementos pagãos. Ela escreve que o nome indígena da Virgem de Guadalupe é *Coatlalopeuh*, e como a santa é a deidade que conecta os mexicanos com os seus ancestrais indígenas. Nesse sentido, Anzaldúa nos apresenta *Coatlalopeuh* como uma descendente de um dos aspectos de *Coatllicue*, que pode ser representada como deusa da Terra e fertilidade, ou a própria Deusa Serpente. O outro aspecto de *Coatllicue*, para Anzaldúa, é *Tonantsi*, que era reverenciada pelos Totonacas, um povo da região da Mesoamérica. Enquanto *Coatllicue* era reverenciada pelos astecas, sendo realizados sacrifícios humanos⁸⁴, *Tonantsi*, reverenciada pelos Totonacas, preferia o sacrifício de pássaros e pequenos animais.

⁸¹ Em alguns dialetos Náuatles, *Tonantzin* também ser chamada de *Tonantsi*. Em uma tradução literal, seriam “Nossa Sagrada Mãe”.

⁸² Na Espanha, uma outra Nossa Senhora de Guadalupe já era adorada, ou seja, o culto a Nossa Senhora de Guadalupe veio importado da Espanha e ressignificado no México. A Nossa Senhora de Guadalupe da Espanha é uma santa mourisca, e sua história é atravessada pela ocupação muçulmana de territórios da Península Ibérica.

⁸³ Pode-se perceber o sincretismo religioso na Virgem de Guadalupe a partir de vários elementos, destaco aqui o templo da Santa católica, construído no mesmo local onde antes era um templo de uma divindade asteca. O misticismo em torno da Virgem de Guadalupe pode ser percebido a partir de suas representações, que geralmente possuem o desenho de um sol, um elemento extremamente importante para os astecas. E as mestiçagem dela pode ser percebida em suas retratações, pois ela não é uma santa branca, e é comumente retratada com traços indígenas.

⁸⁴ No capítulo *La herencia de Coatlicue/ The Coatlicue State*, Anzaldúa utiliza o termo “sacrifício humano” ao fazer uma leitura da representação de Coatlicue, no Museu de História Natural de Nova York.



Figura 1: Monólito de Coatlicue, Museu Nacional de Antropologia do México, na Cidade do México.

Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:20041229-Coatlicue_\(Museo_Nacional_de_Antropolog%C3%ADa\)_MQ-3.jpg#/media/File:Monolito_de_Coatlicue.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:20041229-Coatlicue_(Museo_Nacional_de_Antropolog%C3%ADa)_MQ-3.jpg#/media/File:Monolito_de_Coatlicue.JPG) .
Acesso em: 09/04/2022.

Uma breve análise de um monólito que representa Coatlicue, na imagem acima, nos permite explorar um pouco a simbologia e força desta divindade. Anzaldúa a descreve como:

Ela não tem cabeça. Em seu lugar brotam dois jatos de sangue, transfigurando-se em enormes cascavéis uma de frente para a outra, que simbolizam a conexão com a terra, característica da vida humana. Ela não tem mãos. Em seu lugar há duas serpentes mais, em forma de garras de águia, que se repetem em seus pés: garras que simbolizam a escavação de sepulturas na terra, como a águia presa ao céu, a força masculina. Pendurado em seu pescoço, um colar de mãos abertas, alternado com corações humanos. As mãos simbolizam o ato de dar a vida; o coração, a dor da Mãe Terra dando a luz a todos seus filhos, assim como a dor que o ser humano sofre ao longo da vida em sua árdua luta pela existência. Os corações também representam a retirada da vida através do sacrifício aos deuses em troca da preservação do mundo. No centro do colar está pendurado um crânio humano com olhos vivos em suas órbitas. Outro crânio idêntico está preso ao cinto. Estes simbolizam a vida e a morte juntas como partes de um processo.⁸⁵

⁸⁵ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 47. [Texto original] She has no head. In its place two spurts of blood gush up, transfiguring into enormous rattlesnakes facing each other, which symbolize the earth-bound character of human life. She has no hands. In their place are two more serpents in the form of eagle-like claws, in which are repeated at her feet: claws which symbolize the digging of graves into the earth as well as the sky-bound eagle, the masculine force. Hanging from her neck is a necklace of open hands alternating with human hearts. The hands symbolize the act of giving life;

Sendo assim, durante o processo de invasão, conquista e colonização, os espanhóis e a Igreja Católica teriam optado pela imagem de Guadalupe associada a *Tonantsi*. De acordo com Anzaldúa:

Depois da Conquista, os Espanhóis e sua Igreja continuaram a espalhar *Tonantsi/Guadalupe*. Eles dessexualizaram Guadalupe, tirando Coatloapeuh, a serpente/sexualidade dela. Eles completaram a divulgação iniciada pelos Nahuas, fazendo a Virgem de Guadalupe/ Virgem Maria em virgens castas e *Tlazolteotl/ Coatlicue/ la Chingada* em putas; em Belas e Feras. E eles foram ainda mais fundo, fizeram de todas as deidades indígenas e práticas religiosas em trabalhos do mal.⁸⁶

Portanto, percebe-se um esforço de apagar, não somente toda a sua vinculação a ancestralidade indígena, mas também toda a relação que a Virgem de Guadalupe possui com a própria sexualidade feminina. O caso da Virgem de Guadalupe evidencia o sincretismo religioso que ocorreu ao longo do processo de colonização da América pelos ibéricos. E, novamente trago um trecho de Anzaldúa, para reforçar estes argumentos:

Hoje, a Virgem de Guadalupe é simplesmente a imagem mais religiosa, potente e cultural do Chicano/ mexicano; ela, como a minha raça, é uma síntese do velho e do novo mundo, da religião e cultura de duas raças em nossa psique, os conquistados e os conquistadores. Ela é um símbolo do *mestizo*, verdadeira aos seus valores indígenas. A cultura chicana identifica-se mais com a mãe (indígena) do que com o pai (espanhol).⁸⁷

Anzaldúa evoca a Virgem de Guadalupe como o símbolo dos *mestizos* e das *mestizas* comprometidos(as) com os valores da ancestralidade indígena.

Neste sentido, se faz necessário evidenciar que a rememoração e ressignificação dos valores ancestrais não ficaram restritas apenas à Guadalupe, mas incorporaram também *La Chingada*, ou *la Malinche*, e *la Llorona*. E aqui, novamente trago as palavras de Anzaldúa:

the hearts, the pain of Mother Earth giving birth to all children, as well as the pain that human suffer throughout life in their hard struggle for existence. The hearts also represent the taking of life through sacrifice to the gods in exchange for their preservation of the world. In the center of the collar hangs a human skull with living eyes in its sockets. Another identical skull is attached to her belt. These symbolize life and death together as parts of one process.

⁸⁶ *Idem*, p. 27-28. [Texto original] After the Conquest, the Spaniards and their Church continued to split *Tonantsi/Guadalupe*. They desexed Guadalupe, taking Coatloapeuh, the serpent/ sexuality, out of her. They completed the split begun by the Nahuas by making *la Virgen de Guadalupe/ Virgen María* into chaste virgins and *Tlazolteotl/ Coatlicue/ la Chingada* into *putas*; into the Beauties and the Beasts. They went even further; they made all Indian deities and religious practices the work of the devil.

⁸⁷ *Idem*, p. 30. [Texto original] Today, *la Virgen de Guadalupe* is the single most potent religious, political and cultural image of the Chicano/ mexicano. She, like my race, is a synthesis of the old world and the new, of the religion and culture of the two races in our psyche, the conquerors and the conquered. She is the symbol of the *mestizo* true to his or her Indian values. La cultura chicana identifies with the mother (Indian) rather than with the father (Spanish).

As pessoas chicanas têm mães. As três são mediadoras: Guadalupe, a virgem mãe que não nos abandona; *la Chingada (Malinche)*, mãe estuprada que nós abandonamos, e *la Llorona*, a mãe que procura seu filho perdido e é uma combinação das outras duas.⁸⁸

La Chingada, de acordo com o *Diccionario Breve de Mexicanismos*, significa “mulher promíscua” ou “prostituta”, com todos os atributos negativos que as palavras poderiam trazer. *Malinche*, *Malintzin*, *Malinalli* ou Dona Marina (seu nome de batismo na Igreja Católica), são os nomes para denominar a mesma pessoa, aquela que é considerada a traidora, ou até mesmo a “Judas do México”. Malinche foi uma indígena de origem Náuatle, vinha de uma família “acomodada”, mas não era uma das filhas principais, portanto sofreu com a escravidão em função das disputas de territórios dos próprios povos da Mesoamérica. Em função dos diferentes lugares que ela habitou, aprendeu diversos idiomas, ou seja, era poliglota. Seu papel na conquista espanhola, foi justamente este, a tradução.

Em 1519, quando Hernán Cortés chega até Tabasco, ele e sua comissão recebem de “presente” mulheres, que estavam na condição de escravas das autoridades de Tabasco, região maia, e Malinche era uma dessas mulheres. Logo Cortés descobre que Malinche era poliglota e passa a utilizá-la como intérprete no processo de Conquista. Durante muitos anos, Malinche foi considerada uma traidora devido ao “auxílio” que ela deu a Cortés. Entretanto, principalmente desde a década de 1980, o movimento feminista chicano, do qual Anzaldúa faz parte, buscam olhar para Malinche de maneira diferente. Estas intelectuais procuraram olhar para Malinche através de seu gênero e condição social, era uma mulher escrava que foi dada de presente a um espanhol. Malinche era tida como amante de Cortés, pois tiveram um filho. Mais tarde, quando Cortés teve de regressar para a Espanha, Malinche foi dada como presente para outro espanhol, Don Juan Xamarillo. Mas até que ponto estas relações eram consensuais? Não estaria Malinche apenas sobrevivendo?

Estes acontecimentos ligados a conquista deram a Malinche a fama de traidora. Porém, durante o século XIX, no contexto de formação dos Estados nacionais, Malinche foi colocada na posição de “mãe da nação mexicana”, pois representaria a mestiçagem entre indígenas e brancos católicos, mas ainda uma traidora. Portanto, pensar em Malinche como “traidora”, é reduzi-la a apenas intérprete dos espanhóis, é ignorar todos os atravessamentos que a perpassam. Malinche foi uma mulher indígena escravizada, possivelmente violada, e que foi

⁸⁸*Idem*, p. 30. [Texto original] *La gente Chicana tiene tres madres*. All three are mediators: *Guadalupe*, the virgin mother who has not abandoned us, *la Chingada (Malinche)*, the raped mother whom we abandoned, and *la Llorona*, the mother who seeks her lost children and is a combination of the other two.

dada como “presente” para dois conquistadores espanhóis em ocasiões diferentes. Sendo assim, é possível reduzir toda a trajetória de Malinche apenas a condição de traidora? Por que não podemos entendê-la enquanto resistência?



Figura 2: RIVERA, Diego. Mural de Malinche, 1935. Palácio Nacional do México, Cidade do México.

Disponível em: http://www.racontemoilhistoire.com/wp-content/uploads/2016/01/DSC_0784.jpg. Acesso em: 10/06/2022.

E por fim, a terceira figura feminina selecionada é *la Llorona*, esta história é um dos mitos mais conhecidos do México, e que possui variações em toda América Latina. *La Llorona* é retratada como uma mãe que assassinou seus dois filhos em um riacho, e logo arrependeu-se, por isso sua alma segue vagando pelas ruas, nas noites de lua cheia, em busca dos seus filhos perdidos.

O mito de *la Llorona* pode ser visto como uma forma de controle social, através da mitologia. Através deste mito, pode-se entender a mulher como reprodutora da vida ou agente da morte. E isto ocorre, pois, as mulheres são comumente retratadas como seres transgressores, no discurso colonial, que teve grande apoio da Igreja. A historiadora Rosa Montandon, que escreveu sua tese de doutorado sobre o mito de *la Llorona*, a qual destaco que me encantou a pesquisa, escreve:

(...) fala também das ambíguas relações da sociedade para com as mulheres ao longo da vida. Reais ou ideais, no México elas estão representadas simbólica e dialeticamente pela Virgem de Guadalupe e pela Malinche, as duas caras da mulher: a mãe e a amante, que se fundem popularmente na trágica figura de La Llorona. E ainda que no campo

historiográfico pouco ou nada se tenha falado dela, sua presença é bastante poderosa no imaginário coletivo, onde simboliza a dicotomia feminina, a ordem e a desordem.⁸⁹

La Llorona é uma importante figura da mitologia mexicana. Ela, assim como Malinche, foram protagonistas no século XIX, quando se estava escrevendo a história da nação mexicana, no contexto de formação dos Estados nacionais. Então, pensar neste mito através das histórias de vida e experiências daqueles que o contam acaba sendo mais importante do que a própria história em si. *La Llorona* é uma figura mítica extremamente ligada à memória, pois cada local atribui os sentidos de suas vivências nela, que é criada e mantida pela coletividade, principalmente através da oralidade.

Portanto, mesmo que *la Llorona* não tenha existido de forma objetiva, a mitologia que a envolve é muito interessante para o estudo desta reapropriação e ressignificação de imagens femininas ligadas, não somente ao colonialismo, mas também às próprias formas de controle social que foram criadas no México. Então, entender figuras que possuem uma mitologia ao seu redor, sejam divindades da Mesoamérica, *la Malinche*, a Virgem de Guadalupe e *la Llorona* como importantes representações e ressignificações para a história, não somente do México, mas também das mulheres, é um grande passo. Anzaldúa escreve que a identidade chicana é atravessada pelas três figuras femininas:

Em parte, a verdadeira de todas as três foi subvertida – Guadalupe, para nos fazermos dóceis e duradouras, *la Chingada* para nos fazer ter vergonha do nosso lado indígena, e *la Llorona* para nos fazer de pessoas que sofrem. Essa obscuridade encorajou a dicotomia entre virgem/ puta.⁹⁰

Portanto, as disputas de narrativas e de memórias que são produzidas em torno destas, e outras tantas figuras femininas são fruto das reivindicações por um outro tipo de escrita da história. O movimento feminista chicano, intimamente ligado ao feminismo decolonial, produziu, e ainda produz, uma série de imagens que mostram essa disputa pelas narrativas, memórias e até mesmo a imagem destas figuras. A personagem mais utilizada pelas artistas chicanas é a da Virgem de Guadalupe. Estas artistas (re)atribuem aspectos que conectam a santa católica a sua ancestralidade indígena, sendo que muitas obras atribuem a ancestralidade

⁸⁹ MONTANDON, Rosa Maria Spinoso. *La Llorona, Mito e Poder no México*. 2007. 336 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 23.

⁹⁰ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 31. [Texto original] In part, the true identity of all three has been subverted – *Guadalupe* to make us docile and enduring, *la Chingada* to make us ashamed of our Indian side, and *la Llorona* to make us long-suffering people. This obscuring has encouraged the *virgen/ puta* (whore) dichotomy.

indígena à Guadalupe, ou a retratam como protetora dos *chicanos*, principalmente aqueles que vivem nos Estados Unidos.

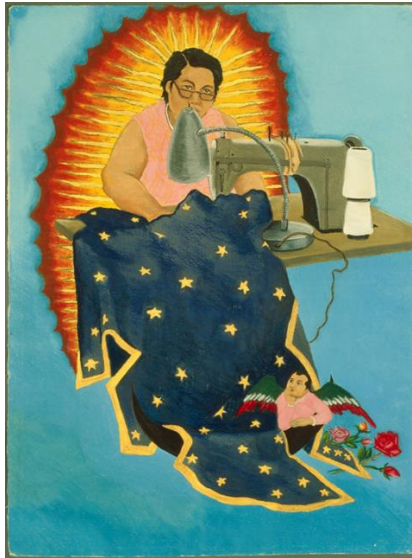


Figura 3: LOPEZ, Yolanda. Margaret F. Stewart: Our Lady of Guadalupe, from the Guadalupe series, 1978. Obra exposta no Museum of Contemporary Art San Diego. San Diego – EUA. Tinta à óleo em tela. Dimensões: 76cm x 56 cm.

Disponível em: <https://www.chicano.ucla.edu/files/LopezGuide.pdf> . Acesso em 10/04/2022.



Figura 4: LOPEZ, Yolanda. Guadalupe: Victoria F. Franco, from the Guadalupe series, 1978. Obra exposta no Museum of Contemporary Art San Diego. San Diego – EUA. Tinta à óleo em tela. Dimensões: 76cm x 56 cm.

Disponível em: <https://www.chicano.ucla.edu/files/LopezGuide.pdf> . Acesso em 10/04/2022.

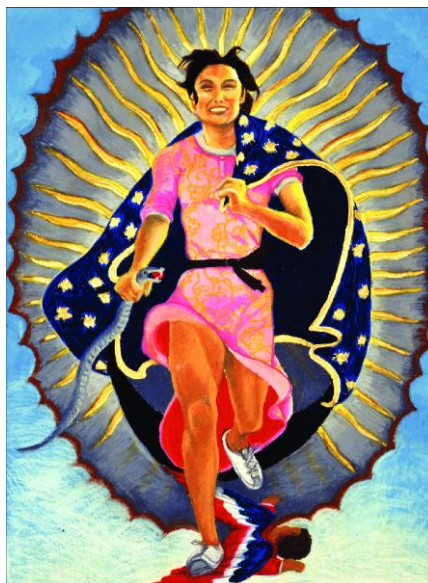


Figura 5: LOPEZ, Yolanda. Portrait of the Artist as the Virgin of Guadalupe, from the Guadalupe series, 1978. Obra exposta no Museum of Contemporary Art San Diego. San Diego – EUA. Tinta à óleo em tela. Dimensões: 76cm x 56 cm.

Disponível em: <https://www.chicano.ucla.edu/files/LopezGuide.pdf> . Acesso em 10/04/2022.

Aqui, trago a série de obras pintadas por Yolanda M. López, intitulada “Guadalupe series”, feitas em 1978. Yolanda López foi uma importante ativista do movimento chicano, com foco especial para o movimento chicano feminista. Suas produções são marcadas por essas apropriações de imagens, principalmente de Nossa Senhora de Guadalupe, e as ressignificações que ela faz a partir de seu local de mulher chicana, vivendo nos Estados Unidos e estudando na San Francisco State College.

O que tentei fazer neste capítulo foi tecer uma série de informações acerca das disputas de imagens, narrativas e memórias sobre as figuras femininas ligadas, historicamente, ao colonialismo. Estas disputas ganharam um forte impulso a partir da década de 1970, quando o feminismo hegemônico passou a ser criticado por outros feminismos. Somado a isso, os estudos decoloniais ampliaram ainda mais o debate acerca da colonialidade que marcava, e ainda marca, as relações de poder e de saber.

Sendo assim, acredito que uma importante ferramenta, apresentada por Gloria Anzaldúa em *Borderlands/ La Frontera*, que poderia auxiliar a nós, pesquisadores das Ciências Humanas, é a auto-história teoria. A partir deste conceito, ela ultrapassa os limites da biografia e da autobiografia, e escreve a história daqueles *mestizos* que vivem nas fronteiras. Anzaldúa buscou,

através de *Borderlands/ La Frontera*, criar um projeto intelectual que permitisse que todos aqueles sujeitos de fronteiras pudessem produzir sobre a fronteira desde a fronteira⁹¹. A partir destas poucas imagens, busquei mostrar como este projeto intelectual de Anzaldúa teve adeptas, e muitas.

As possibilidades que Anzaldúa nos apresenta em *Borderlands/ La Frontera* são muitas, busquei me apropriar de algumas delas neste capítulo. Através de um olhar historicizado e decolonializado, procurei outras formas de entender as figuras femininas, que durante muitos anos foram retratadas através da colonialidade do saber e do poder. As contribuições que os debates acerca das disputas de narrativas e memórias, em torno destas figuras, que Ochy Curiel, María Lugones e Gloria Anzaldúa nos apresentam através do feminismo decolonial ampliam as discussões não somente sobre a representação que estas figuras tiveram ao longo da história, mas também sobre as possibilidades que a escrita da história nos dá. Podemos escolher escrever uma história comprometida com a decolonialidade, feminismos e as relações étnico-raciais, ou simplesmente a seguir o modelo eurocentrado, que sinceramente, a meu ver de mulher terceiro-mundista, nunca nos serviu.

⁹¹ ABRALIC, XV Congresso Internacional ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro. FIGUEIREDO, Carlos; HANNA, Vera. Entre *mestizas e neplanteras*: a auto-história de Gloria Evangelina Anzaldúa em *Borderlands/ La Frontera*. p. 2999.

Una lucha de fronteras – Considerações Finais

No decorrer do processo de escrita deste trabalho, fiquei cada vez mais encantada com as produções e contribuições de Gloria Anzaldúa. Uma mulher de fronteira que não apenas propôs um projeto intelectual para que sujeitos fronteiriços pudessem escrever sobre a fronteira desde a fronteira, como também reivindicou seu lugar de intelectual de fronteira. As suas produções irrompem os silêncios da academia, além de colocar-se contra os postulados estabelecidos pela intelectualidade estadunidense.

Ao colocar a sua produção em diálogo com outras mulheres intelectuais do período, sejam do Brasil ou Estados Unidos, evidenciam que as reivindicações destas intelectuais faziam eram fruto de uma vida de ativismos políticos. O fato destas mulheres terem tido acesso ao ensino superior, permitiu que elas teorizassem acerca de suas realidades, baseadas em suas experiências, criticando não só o feminismo hegemônico, mas também um modo de produção de conhecimento ocidentalizado. Estas mulheres tiveram grande contribuição, não somente para a historiografia, mas para os estudos sociais, no geral. Contudo, infelizmente, elas não tiveram o reconhecimento que mereceriam em vida, tendo muitas delas, ganhado reconhecimento somente após a morte.

As contribuições, a partir dos modelos que Anzaldúa propõe, de seus paradigmas fronteiriços e decoloniais, além do seu modo de escrita único, podem contribuir enormemente para os estudos historiográficos. Somado a isso, fica explícito como a vida de Anzaldúa atravessa a sua produção, não sendo possível dissociar a obra da vida pessoal da autora. É justamente desta indissociabilidade que se origina o conceito de auto-história teoria, o qual espero ter evidenciado o potencial de utilização nas pesquisas de cunho historiográfico. A auto-história teoria consiste justamente na teoria que resulta das experiências e vivências coletivas e individuais.

Conhecer a trajetória e local de escrita de Anzaldúa traz uma enorme contribuição, não somente em função do silenciamento que há de intelectuais, especialmente as não-brancas, na História Intelectual. Ainda hoje, é possível perceber como há uma grande invisibilidade para as produções de autoria feminina no âmbito da História Intelectual. Sendo assim, com este trabalho pude perceber que somado ao silêncio historiográfico das autoras femininas, ainda há o agravante das produções de mulheres não-brancas, e principalmente daquelas consideradas subalternas. Silenciamento este, que contribuiu – e segue contribuindo – para a marginalização

de pensadoras mulheres, e se analisarmos a partir de uma perspectiva interseccional, percebemos que há ainda mais o silenciamento das contribuições de mulheres negras, indígenas, asiáticas, *mestizas*, entre outras tantas categorias, para a escrita da História.

Somada às contribuições de conhecer a trajetória de vida da própria Anzaldúa, é de extrema importância reconhecer a fronteira enquanto uma das mais, se não a mais, importante categoria de análise da intelectual. A fronteira, este espaço de vivência, também é um espaço de produção de conhecimento. Portanto, resalto novamente, a fronteira não é um não-lugar, mas um terceiro espaço, que não é aqui e nem lá. É um espaço com suas próprias sociabilidades e culturas.

Borderlands/ La Frontera, apesar de não ser uma obra historiográfica *em si*, pode ser lida como tal. E argumento que não só pode, como deve. Este livro único, mais que a primeira obra de sucesso de Anzaldúa, também segue mantendo a sua posição de reivindicação por uma escrita social. Algo que sempre foi alvo de reivindicações para ela, desde a vida escolar, quando sofria na escola, quanto na faculdade, quando começou a reivindicar o inglês para si, e em *Borderlands/ La Frontera*, que ela reivindica uma escrita de fronteira. E a partir dela, com enorme sensibilidade, mistura gêneros textuais e idiomas. Anzaldúa ainda propõe uma nova escrita, que é permeada pela autobiografia, na qual ela se coloca no texto e disserta a partir de suas memórias, experiências e vivências.

Tanto a auto-história teoria quanto a autobiografia lidam diretamente com a memória, e nestes casos ela pode ser coletiva ou individual. Através de suas memórias, principalmente as memórias subterrâneas, Anzaldúa nos apresenta uma nova maneira de escrita. Retomo novamente um aspecto do conceito de memórias subterrâneas de Michel Pollak (1989), a partir do momento em que estas memórias subterrâneas invadem o debate público, elas iniciam um processo de reivindicação e disputa de narrativas.

O contexto de suas produções era de reivindicação, e assim se mantém até hoje. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela intensificação das produções de grupos sociais que se colocavam contra as demandas daqueles grupos hegemônicos, não somente no meio acadêmico, mas também na vida social. São momentos de teorização de outros feminismos e modos de produzir conhecimento. É neste contexto que Anzaldúa publica *Borderlands/ La Frontera*, em 1987, sendo uma das primeiras obras de teorização do Movimento *Chicano* nos Estados Unidos. Vale lembrar que o pioneirismo de Anzaldúa não ficou restrito apenas ao

Movimento Chicano, visto que o mesmo se deu nos estudos *queer*, ainda não tenha o reconhecimento por isso.

Por fim, o diálogo com outras intelectuais feministas decoloniais é de extrema importância. As teóricas dialogavam entre si, como destaquei, não somente entre as produções, mas entre elas também. Os trabalhos de Gloria Anzaldúa e María Lugones, falecida recentemente, em julho de 2020, e Ochy Curiel fazem referências diretas umas as outras. Estas mulheres possuem inúmeras contribuições, não somente para o feminismo decolonial, mas para uma nova forma de produzir conhecimento, a partir de epistemologias de fronteira ou desde um sul global. E aqui utilizo sul global, para a valorização de experiências de resistência de grupos sociais que tem sido, sistematicamente, violentados pelas injustiças, opressões e pelo próprio capitalismo, colonialismo e patriarcado⁹². Portanto, a escolha por epistemologias de um sul global, dizem respeito a minha própria experiência e vivência.

A crítica que elas fazem, não está restrita à hegemonia ocidental, através da colonialidade do poder e do saber, também atinge os próprios intelectuais da decolonialidade. Apesar de inúmeras contribuições para os estudos sociais, ainda são poucos os que conseguem entender o gênero enquanto uma categoria útil de análise histórica. Portanto, estas mulheres intelectuais produzem conhecimento a partir de um local de muitas reivindicações, um local que ao mesmo tempo é de dor e de resistência. Um espaço no qual estas intelectuais levaram, e levam, suas reivindicações e teorizam acerca da hegemonia ocidental na América Latina.

Ressalto novamente as palavras da antropóloga, Ochy Curiel: “a colonialidade é uma sequela do colonialismo”. É assim que a colonialidade se apresenta, como uma sequela em diversas relações da vida social, entre o gênero, natureza, trabalho, etc. A colonialidade é uma marca, que afeta inclusive as produções acadêmicas, feitas na América Latina ou sobre a América Latina, que levaram – e ainda levam – a valorizar um modo de produção de conhecimento ocidental. Portanto, é um processo que acarreta uma desvalorização intelectual, não somente das epistemologias de fronteiras, mas também aquelas nativas da América, e as africanas, que marcaram fortemente o continente americano como um todo, em função dos séculos de escravidão no continente.

E por fim, como as disputas de narrativas afetam diretamente as memórias daqueles sujeitos, principalmente mulheres, que muitas vezes são relegadas a um papel secundário, até

⁹² SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 17.

disciplinador ou muitas vezes tem sua história alterada com o passar do tempo, passando por apagamentos da ancestralidade, como é o caso da Nossa Senhora de Guadalupe. Os trabalhos em torno destas figuras femininas, atualmente giram em torno de uma rememoração da ancestralidade e posituação da mesma, a fim de olhar com outros olhos, que não sejam eurocentrados.

As contribuições e possibilidades que Anzaldúa nos apresenta em *Borderlands/ La Frontera* são muitas, neste texto me apropriei apenas de algumas, não tendo tempo e tampouco páginas suficientes para uma análise dos demais elementos que ela explora. Portanto, fica também o convite-auto compromisso para que leiamos Gloria Anzaldúa. Estudemos Gloria Anzaldúa. E historicizemos Gloria Anzaldúa. E para encerrar, deixo excerto do poema *To live in the Borderlands means you* [Viver nas fronteiras significa que você]:

To survive in the Borderlands

You must live *sin froteras*

be a crossroads. ⁹³

⁹³ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987. p. 195. [Tradução literal] Para sobreviver nas Fronteiras/ você deve viver sem fronteiras/ Ser uma encruzilhada

Referências Bibliográficas

- ABRALIC, XV Congresso Internacional ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro. FIGUEIREDO, Carlos; HANNA, Vera. Entre *mestizas* e *neplanteras*: a auto-história de Gloria Evangelina Anzaldúa em *Borderlands/ La Frontera*. p. 2994-3000.
- ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.
- ALVAREZ, Veronica; SOTO, Theresa. *Teacher's Guide for Yolanda M. López*. Los Angeles: UCLA Studies Research Center Press, 2008. Disponível em: <https://www.chicano.ucla.edu/files/LopezGuide.pdf> . Acesso em 10/04/2022.
- ANKERSMIT, Franklin R. Historiografia e pós-modernismo. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 113-135.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera: the new mestiza*. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, p. 229-236, 1º semestre/2000.
- BARTHOLOMEU, Juliana S. 2019. "Lélia Gonzalez". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/lelia-gonzalez>. Acesso em 26/03/2022.
- BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes – São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CASHMORE, Ellis (org.). *Dicionários das relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COSTA, Cláudia; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13 (3), set./dez./ 2005.
- FIGUEIREDO, Carlos V. da Silva. *Entre mestizas e neplanteras: a auto-história, de Gloria Evangelina Anzaldúa, em Borderlands/ La Frontera*. 2017. 210 f. Tese (Tese de Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- OLIVEIRA, Maria da Gloria. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, set-dez, 2018, p. 104-140.
- GÓMEZ, Guido. Verbete Chingada. In: _____. *Diccionario breve de mexicanismos*. Academia Mexicana - Fondo de Cultura Económica, 2001, México.
- HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

- LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina), 2005.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LONDOÑO, Fernando; CIRIGLIANO, Manuela. Tonantzin, Coatlicue e a Virgem de Guadalupe: da continuidade híbrida à resistência na luta das mulheres chicanas. *Mandrágora*, v.26, n. 2, 2020.
- LUGONES, María. Colonialidad y Genero. *Tabula Rasa*, Bogotá (Colômbia), n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008.
- MONTANDON, Rosa Maria Spinoso. *La Llorona, Mito e Poder no México*. 2007. 336 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- MORAGA, Cherie; ANZALDÚA, Glória (orgs.). *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Colour*. Watertown – Massachussetts (EUA): Persephone Press, 1981.
- PALMEIRA, Lara Virgínia. Gloria Anzaldúa, uma chicana entre-fronteiras. *Equatorial*, Natal, v. 7, n. 12, jan/jun 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Una discusión. 1ª ed. México: Siglo XXI Editores, 2006.
- SCHMIDT, Benito. Biografias e Regime de Historicidade. *Métis: História e Cultura*, Caxias do Sul, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Fidelainy. A quebra do silêncio: o espaço da fronteira cultural na escrita de Gloria Anzaldúa e Milton Hatoum. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 21, p. 176-196, 1º semestre de 2018.
- PINTO, Céli. Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- VANCONCELOS, José Antônio. História e pós-estruturalismo. In: RAGO, M.; GIMENES, R. *Narrar o passado, repensar a História*. 2ª edição. Campinas (SP): Unicamp, 2014.